

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

MARIZA DOS ANJOS LACERDA

A REPETIÇÃO NA LINGUAGEM DE MM

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2017

MARIZA DOS ANJOS LACERDA

A REPETIÇÃO NA LINGUAGEM DE MM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem Típica e Atípica

Orientadora: Prof^a. Dr^a Nirvana Ferraz Santos Sampaio

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2017

	Lacerda, Mariza dos Anjos.
L138r	A repetição na linguagem de MM. / Mariza dos Anjos Lacerda, 2017. 103 f.
	Orientador (a): Dr ^a . Nirvana Ferraz Santos Sampaio. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2017. Inclui referência F. 82 – 84.
	1. Linguística. 2. Neurolinguística discursiva. 3. Linguagem – Repetição. 4. Palilalia I. Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.
	CDD: 410

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The repetition in the language of MM

Palavras-chaves em inglês: Repetition. Palilalia. Discursive Neurolinguistic.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca Examinadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Presidente-Orientadora); Prof^a Dr^a Carla Salati Almeida Guirello-Pires (UESB); Prof^a Dr^a Evani Andreatta Amaral Camargo (CUMML).

Data da Defesa: 21 de junho de 2017.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística

FOLHA DE APROVAÇÃO**MARIZA DOS ANJOS LACERDA****A REPETIÇÃO NA LINGUAGEM DE MM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 21 de junho de 2017.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Evani Andreatta Amaral Câmara
Instituição: CUML

Ass.: 

*A todos que contribuíram para a
realização deste trabalho ao manifestar
palavras de ânimo, carinho e conforto
dispensados a mim.*

Meu muitíssimo obrigada!

Por dizer sempre

“Oi! Bom te ver!”

“ (...) gostei de te ver aqui. Eu gosto!”

“Oi, é você!? Ai, que bom! Tenho mais afinidade com você” e

Pela alegria de estar e participar do Ecoa.

À MM

*E, por fim, com sentimento de início, Àquele que “quando tudo [e o mundo] diz que não” a
Sua presença se manifesta em minha vida fazendo acontecer às impossibilidades. A quem
carinhosamente chamo de Pai:*

meu Abrigo, Amigo, Ânimo,

Consolo, Renovo...

Meu tudo!

A Deus.

Dedico

Um agradecimento especial a **Deus** por ter colocado em minhas mãos um estudo tão singular e encantador.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é, sem dúvida alguma, um gesto de humildade em reconhecer que durante a trajetória percorrida, ao longo deste trabalho, não estive sozinha. Que em meio às angustias, inseguranças, medos, desesperos e aflições pude confiar palavras, desabafos e discussões com pessoas sensatas e companheiras, manifestando interesse e carinho a minha pessoa e acreditando que o produto final poderia, sim, dar certo. Portanto, agradeço, aqui, a todos que, carinhosamente chamo de flores do meu jardim, e que de maneira direta ou indiretamente, contribuíram para o conhecimento novo explorado por mim, para o despertar das trevas que me circulavam, sendo os meus luzeiros e para o desejo de alcançar voos mais altos e singulares.

Primeiramente, agradeço ao único que é digno de honras e a quem dedico essa conquista, a **Deus**, pela minha vida e por conceder os pilares que me sustentam: A fé, a minha família e o amor a tudo que me proponho a fazer. A Ti, ó, Senhor, não há palavras com carga semântica que definem a minha gratidão e amor a Ti. Minhas sinceras reverências.

À **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**, por minha formação acadêmica desde a graduação.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Linguística**, por ter me recebido para a elaboração deste trabalho.

Os meus créditos a Prof^a Dr^a. **Nirvana Ferraz Santos Sampaio**, pela iniciativa de criar um espaço onde a reflexão sobre os fenômenos neurolinguísticos após Acidentes Vasculares Encefálicos fosse possível. Como disse uma vez “*Todos os dias aprendemos algo novo. Todos nós...!*”. Enquanto orientadora, confesso ter aprendido muito com os ditos e não ditos, com a presença e com as correções (grandes lições), mas meu sincero agradecimento por ser líder de um espaço que aguçou a minha curiosidade para aprender algo novo além da atenção e paciência para comigo. Obrigada!

À Prof^a Dr^a **Vera Pacheco** por se colocar disposta e atenciosa com este trabalho, tornando-o mais completo. Agradeço pela paciência, calma, presença e boa vontade. Meu muito obrigada!

À Prof^a Dr^a **Carla S. Guirello-Pires** pelo carinho, atenção, alegria, disposição, pelas importantes contribuições apresentadas nas nossas conversas, pela iniciativa de dizer sempre “*Qualquer coisa estou aqui, tá!*”, frase de acolhida que se faz tão necessária. Muito obrigada por tudo!

À **Banca examinadora** pela leitura atenciosa e criteriosa bem como as contribuições para este trabalho.

À Prof^a Dr^a **Rita de Cássia Silva Tagliaferre**, por ter compartilhado a sua biblioteca particular.

Ao **Lapen**, por me permitir enveredar pelo desconhecido e, ainda assim, me apaixonar por esse trabalho.

Ao **Ecoa**, por destituir o preconceito sobre a linguagem em patologias de linguagem, pelas divertidas sessões em grupo e individual. Em especial, ao sujeito **MM**, razão deste trabalho.

Aos **Professores do PPGLin**, por transmitir não só os conhecimentos referentes à Linguística, mas, principalmente, por serem referência em transmitir o conhecimento com ânimo, vontade, respeito e amor pelo que faz. Parabéns!

Aos **colegas do Mestrado**, 2015.1, pela companhia, trocas, discussões em sala, pelos risos e presenças nos corredores... Vocês são ótimos! Em especial, a **Luana**, por compartilhar comigo todas as alegrias e angústias durante a elaboração deste trabalho.

Aos secretários, **Jhow e Moane**, pelo carinho, atenção e por se colocarem em prontidão para resolver qualquer coisa a qualquer hora sem reclamar e sempre com um sorriso a compartilhar.

À **Smed** pela liberação.

À minha família, pelo apoio desmedido!

A **Érick**, meu filho, por sua compreensão diante das ausências necessárias e pelo amor, carinho e atenção. Mamãe te ama!

À **Juciara Soares**, meu anjinho terrestre, que não mediu esforço para conquistar a liberação para a minha qualificação ou qualquer coisa a meu favor. Muito obrigada por fazer do meu sonho o seu sonho, por se revelar mais que uma colega de trabalho. Aqui, por meio desse singelo registro, quero externar o meu sentimento de gratidão por todo respeito, por todo aprendizado, carinho, atenção, preocupação, por cada palavra de ânimo, pelas nossas conversas, risos, convívio e amizade. Te amadoro!

Aos **meus colegas de trabalho do passado e presente**, pelo incentivo e por me fazer crescer pessoalmente e profissionalmente, permitindo um renovo a cada dia

Por fim, e mais uma vez, a **Deus** por conceder em meu jardim da vida diversas e diferentes flores, por tudo, por todos, pela minha essência, por tudo que tenho e sou, em exatidão... e por meio do deserto me fazer crer que nenhuma vontade humana estará acima da Tua vontade para o que tens sonhado para mim.

RESUMO

Esta dissertação, que se insere no campo da Neurolinguística Discursiva, reporta o resultado de nossa pesquisa sobre o estatuto da repetição na linguagem patológica de um sujeito adulto que após a ruptura de um aneurisma apresentou alteração de elementos linguísticos em sua linguagem oral, qual seja, a repetição decorrente da Palilalia. A repetição, enquanto fator textual, linguístico e interacional pode ser definida como a produção de segmentos repetidos duas ou mais vezes em um mesmo evento comunicativo (MARCUSCHI, 1992). O presente trabalho teve como objetivo analisar o uso das repetições produzidas pelo sujeito **MM** com a finalidade de mapear os tipos de repetição produzidas na fala espontânea, leitura e escrita e promover intervenção e orientação para o sujeito, visando refletir sobre as produções orais das repetições, apresentando as semelhanças e diferenças entre os aspectos normais e patológicos. Para tanto, com base nos postulados da Neurolinguística Discursiva desenvolvemos um trabalho com o sujeito **MM**, a partir de atividades significativas por meio da interlocução, permitindo que o referido sujeito produzisse em seu diálogo uma linguagem significativa por meio de atividades epilinguísticas. Os dados analisados foram extraídos de situações interativas envolvendo afásico e não afásico que frequentam o Espaço de Convivência entre afásicos e não afásicos (ECO A), situado no Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos (LAPEN), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, e que se encontra vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin). Os estudos realizados nesta pesquisa tendem a indicar que **MM** produz repetições diferentes dos contextos normais, mas que ainda que por caminhos diferentes as repetições se desenvolvem por meio de atividades epilinguísticas muito exploradas pela Neurolinguística Discursiva, deixando assim a sua linguagem mais significativa ao exercer um monitoramento com características *on line*, conforme postula Marcuschi (1992), garantindo, assim, a força indeterminada e criadora da linguagem defendida por Franchi (1977).

PALAVRAS-CHAVE

Repetição. Palilalia. Neurolinguística Discursiva.

ABSTRACT

This dissertation, which is inserted in Discursive Neurolinguistic field, reports of our research on language repetition pathologic of subject adult that after effect of breaking of a aneurism has as sequel alteration of rudiments linguistics in your oral language, such as the repetition current of a Palilalia. The repetition, as textual, linguistic and interactive factor, can be defined as the segments repeated twice or more times in the same communicative event (MARCUSCHI, 1992). The aim of this work was to analyze the use of the repetition produced for subject **MM** to effect to map the kinds of repetition produced on oral speech, reading and writing and promote intervention and orientation to subject to looking at reflect about the oral produces of the repetition showing the similarities and dissimilarities between “normal” and pathological aspects. Thus, based and postulates of Discursive Neurolinguistic we develop a work with **MM** by means of meaningful activities through of interlocution permitting that **MM** produce in your language meaningful through epilinguistic activities. The analyzes data were extracted from interactive situations involving aphasic and non-aphasic that frequent at Espaço de Convicência entre afásico e não afásico (ECOIA), situated in Laboratório de Pesquisa e estudos Neurolinguisticos(LAPEN), located at Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, and that meet entail the Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGlin). This study, reflecting studies realized in this research used to indicate that **MM** produce repetition different of normal context, but although different ways the repetition to grow epilinguistic activities very explored by Discursive Neurolinguistic, leaving so your language more meaningful exercise amonitoring with feature *on-line* accordingly Marcuschi, 1992, guaranting so the force not determinated and creative of language defended by Franchi (1977).

KEY-WORDS

Repetition. Palilalia. Discursive Neurolinguistic.

LISTAS DE SIGLAS

AVC: Acidente Vascular Cerebral

AVCH: Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico

Cei-Iguá: Círculo de Educação Integrado do Iguá

ECOA: Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos

IBR: Instituto Brandão de Reabilitação

ICv: Iniciação Científica Voluntária

Iic: Sigla de investigador

Ima: Sigla do investigador

Ins: Sigla de investigador

LAPEN: Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos

MM: Sigla do Sujeito da Pesquisa

ND: Neurolinguística Discursiva

NT: Neurolinguística Tradicional

PPGlin: Programa de Pós-Graduação em Linguística

UESB: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SN: Sistema Nervoso

SNC: Sistema Nervoso Central

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1. Os lobos de acordo com Luria.

Figura 2. Unidades funcionais do cérebro

Figura 3. Localização anatômica das três unidades funcionais de Luria

Figura 4. As subdivisões da unidade II

Figura 5. As subdivisões da unidade três

Figura 6. “Dizzer”

Figura 7: “mmelhor”

Figura 8: Dia dos Pais

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1. Tá percebendo

Quadro 2. Cheguei

Quadro 3. Quarta-feira

Quadro 4. A-cor-dar

Quadro 5. Colorir papel

Quadro 6. Primavera

Quadro 7. Dia das mães

Quadro 8. Dia dos Pais

SUMÁRIO

1 I INTRODUÇÃO	14
2 O ENCONTRO COM MM: RELATO PESSOAL	17
3 NEUROLINGUÍSTICA E SUAS INTERFACES	21
3.1 Neurolinguística	21
3.2 Um breve percurso da neurolinguística: Ontem e Hoje	23
3.3 Neurolinguística Discursiva	26
3.4 Língua, fala e enunciação	30
3.5 As atividades mentais frente a linguagem	33
3.6 O lugar do outro frente a reconstrução da linguagem	41
4 ASPECTOS TEÓRICOS DA REPETIÇÃO POR PRISMAS DIFERENTES	46
4.1 O que é Repetição?	46
4.2 A repetição para a Linguística	47
4.3 A repetição em patologias de linguagem	53
5 ASPECTOS METODOLÓGICO	62
5.1 Metodologia	62
5.2 Histórico de MM	64
5.3 Método de Coleta de Dados	66
5.4 Método de Análise de Dados	67
6 ANÁLISES DE DADOS E DISCUSSÕES	69
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	98
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	98
ANEXO B – SISTEMA DE NOTAÇÃO	100
ANEXO C – COLORIR PAPEL	101
ANEXO D – AS FLORES DA PRIMAVERA!	102

1 I INTRODUÇÃO

A repetição é conhecida como um item linguístico, pois todo falante se repete, seja em contextos normais ou em contextos patológicos sendo vista como uma estratégia discursiva que serve a diferentes propósitos, não podendo afirmar que ela seja típica desse ou daquele falante. A repetição é compreendida, do ponto vista linguístico, como a produção de segmentos idênticos e/ou semelhantes duas ou mais vezes num mesmo evento comunicativo (MARCUSCHI, 1992, p. 32).

Dito isso, este trabalho baseou-se na Neurolinguística que tem como prioridade preocupar-se com o estudo do processamento normal e patológico da linguagem, bem como analisar a influência dos estados patológicos no funcionamento da linguagem nos aspectos dos processos verbais e não verbais por sujeitos afetados por algum tipo de lesão cerebral, ficando, assim, com patologias cerebrais e cognitivas. Nesse sentido, este estudo que, por ora, apresentamos se dá na investigação da repetição no funcionamento da linguagem nas três habilidades, as quais sejam: oralidade, leitura e escrita do sujeito **MM**, 51 anos (idade atual) que aos 45 anos após a ruptura de um aneurisma passou a apresentar a repetição como uma alteração em sua linguagem decorrente de uma patologia de linguagem, qual seja, a palilalia.

Embora a Neurolinguística Tradicional tenha em sua prática a língua como um sistema fechado, baseado em modelos estruturalistas, os quais têm como principal objeto de estudo a língua, descartando a fala e baseando-se em testes padrão que desfavorece o sujeito enquanto ser dialógico, este presente trabalho se ancora nos fundamentos da Neurolinguística Discursiva por se tratar de uma prática com a linguagem discursivamente orientada como defende Coudry (1988), pioneira nesse estudo. Por esse viés, nós não enxergamos a linguagem como algo determinada, pronta e acabada, mas como um trabalho de construção das experiências que consiste em qualquer indivíduo, principalmente, num trabalho coletivo em que as identificações e contradições estão em uns com os outros de acordo com a história individual de cada um (FRANCHI, 1977).

Foi objetivo geral da pesquisa que deu origem a esta dissertação analisar as repetições produzidas na linguagem do sujeito **MM** com a finalidade de mapear os tipos de repetição e promover intervenção em níveis linguísticos e orientação para o sujeito da pesquisa. Para tanto, nos questionamos: Como a repetição se configura na linguagem de **MM**?

Desse modo procuramos verificar quais implicações linguísticas podem ser encontradas nas repetições produzidas pelo sujeito **MM** na sua linguagem falada, tendo como objetivos específicos:

- 1) Descrever as repetições na fala de **MM**;
- 2) Observar como as marcas de subjetividade são exploradas por esse sujeito;
- 3) Analisar qual intervenção pode ser feita a partir da Neurolinguística Discursiva com a finalidade de que **MM** tomasse ciência das ocorrências das repetições em sua fala; e,
- 4) Verificar a presença da repetição nas três habilidades: fala espontânea, leitura e escrita.

Como hipóteses, consideramos que: i) As repetições na fala de **MM** se apresentam de várias formas. Como a sua repetição é uma marca estereotipada da palilalia as suas produções ocorrem em fonemas, sílabas, itens lexicais e enunciados completos o que causa um estranhamento para o ouvinte; ii) Acreditamos que a repetição se configura na linguística como um recurso muito recorrente na fala de qualquer indivíduo, constituindo o texto discursivo como monitoramento, facilitando tanto a tarefa do ouvinte quanto de quem fala. Consideramos que **MM** produz as repetições tanto em contextos normais, como qualquer falante, mas que também a repetição na sua fala se configura por caminhos diferentes, para que a mesma possa se manter na interação dialógica; iii) Por meio da intervenção, acreditamos que a Neurolinguística Discursiva desempenha um papel singular frente à linguagem de **MM** ao permitir que esta opere *com e sobre* a linguagem com a presença do investigador/mediador, desempenhando o papel de refletir sobre a sua linguagem ao passo que se tenta monitorar as repetições, permitindo, a esse sujeito, uma linguagem mais próxima à linguagem que exercia antes. Ressaltamos que **MM** não reconhecia as repetições por ela proferidas, logo, um dos objetivos era que **MM** reconhecesse as repetições em sua fala para podermos, então, monitorá-las; e iv) acreditamos que as repetições ocorrem nas três habilidades: fala espontânea, leitura e escrita.

Partindo desses pressupostos, a presente dissertação está organizada em seis partes da seguinte maneira: Primeiramente, expomos a introdução com a proposta de trabalho; na parte II, de maneira sucinta, abordamos o primeiro contato do investigador com o sujeito da pesquisa; na parte III, mostramos de maneira sucinta reflexões referentes à Neurolinguística e suas interfaces, com o propósito de explicar, de maneira clara, as questões que dão embasamento à teoria e a este estudo baseado no trabalho de Coudry (1988) que baseia-se nos fundamentos de Jakobson (1960), Benveniste (1970), Lebrun (1983), Franchi (1977), Coudry & Possenti (1983) e Morato (2001, 2010).

A parte IV, focaliza os aspectos teóricos da repetição por diversos prismas que se inserem com a sua atuação em contextos textuais interativos desenvolvidos nos estudos Linguísticos, e em contextos patológicos, onde destacamos os nomes de Perini (1980), Ramos (1983), Bessa-Neto (1991), Marcuschi (1992), Lima (2005), Lagrotta (2001) e Tagliaferre (2008, 2015).

Na parte V, apresentamos a metodologia que nos direcionou para a pesquisa que se consistiu de um acompanhamento longitudinal postulado pela ND e conforme Coudry (1988), com embasamento qualitativo, além do histórico de **MM**, método de coletas e análises de dados.

A parte VI, descrevemos e analisamos as repetições, no âmbito qualitativo, no uso e funcionamento da linguagem de **MM** relacionando dado-teoria.

E, por fim, na parte VII, pontuamos as nossas considerações finais a respeito da repetição no uso e funcionamento da linguagem oral de **MM** nas três habilidades, seguida das referências e anexo.

2 O ENCONTRO COM MM: RELATO PESSOAL

E tudo começou
quando a vi pela primeira vez...

O trabalho que apresentamos como produto final, nesses dois anos de estudo no curso de mestrado, para adquirir o título de mestre em linguística, intitulado – *A repetição na linguagem de MM* – registra toda uma demanda de investigação, análise e descrição, relacionando teoria-dado-teoria no estudo da singularidade da linguagem de um sujeito após episódio neurológico.

Ao longo dessa trajetória foi imprescindível a realização de alguns encontros individuais e em grupo no Lapen/Ecoa entre investigador – Ima- e sujeito de pesquisa – **MM**, para que pudéssemos ter um trabalho sólido e digno de olhares especializados e renomados.

A minha relação com **MM** teve início muito antes do meu ingresso no PPGLin, assim, quero externar como se deu o meu contato com **MM**. Este primeiro contato não foi pelos corredores da UESB, nem tão pouco pelo início da minha participação como aluna voluntária no grupo de Iniciação Científica (IC) para desenvolver uma pesquisa que estaria vinculada a um projeto matriz intitulado *Funcionamento da linguagem nas afasias e neurodegenerescências* com vista aos estudos neurolinguísticos que se iniciou no final do segundo semestre de 2011, mas, ressalto que, foi este o lugar onde se concretizou o meu desejo de trabalhar com a linguagem de **MM**.

A primeira vez que tive a oportunidade de ver **MM** foi na escola, lugar que, ainda hoje, eu e a sua irmã lecionamos. A irmã de **MM** naquela época estava na direção da gestão escolar do Centro Educação Integrado do Iguá (CeI-Iguá), uma escola da rede municipal de ensino, localizada na zona rural desta cidade. Naquele dia, eu nunca, jamais imaginaria que **MM** seria, algum tempo depois, o meu sujeito de pesquisa por apresentar uma patologia de linguagem, e ao mesmo tempo tão singular, ao ser acometida de uma ruptura de um aneurisma no lobo temporal esquerdo.

A ida de **MM** na escola não foi um acaso. Havia um grande número de crianças do Fundamental I que necessitavam de um exame áudio-visual. Como **MM** trabalhava com inclusão e educação especial, a convite de sua irmã, ela foi fazer exames em algumas crianças que apresentavam problemas de visão.

Naquele dia, o sol aparecia na companhia do vento frio, quando ela chegou acompanhada do esposo que a levou de carro fornecido pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) para desempenhar o que tanto lhe agradava - trabalhar com a educação

especial. Os testes de visão foram realizados na sala da biblioteca que ficava ao lado da sala que, por coincidência ou não, eu ministrava aulas.

Após alguns testes, de repente, saio da minha sala de aula para solicitar algum material à secretaria (que não me lembro do que foi, neste momento) quando vejo as duas irmãs conversando. Logo, aproximei-me para ver como estavam sendo feito os referidos testes e aproveitei para questionar quando e qual o dia este seriam realizados para os meus alunos, já que foram limitados para os casos extremos de urgência.

A irmã de **MM**, diretora, me avistou e falou: “*Essa é minha irmã, Mariza. Ela que está fazendo os testes.*” Olhei e cumprimentei **MM**, rapidamente, pois voltaria para a sala de aula. Naquele dia, ela trajava uma calça jeans azul escura, com uma blusa branca e jaqueta jeans, com os cabelos soltos pouco abaixo dos ombros. **MM** olhou para mim, deu um leve sorriso tímido e disse: “*Tudo bem?*”.

Por volta das dez horas da manhã, horário de intervalo e recreio, na sala dos professores, ela se juntou ao esposo, ali, deu para observar o quanto era tímida, respondia somente o necessário e com frases curtas, mas se mostrou uma pessoa muito agradável. Logo depois, ambos deixaram e voltaram para a cidade. Naquele dia, pela manhã e na escola, **MM** relatou para a sua irmã que sentia uma dor de cabeça.

Passaram-se três dias, e ao longo desses, a dor de cabeça não cessava e, durante o seu horário de trabalho e em pleno exercício em sala, **MM** desmaiou de tanta dor, segundo relato de colegas que a socorreram. **MM** passou por dois hospitais. O primeiro negligenciou no atendimento, sendo que só no segundo hospital que a família e **MM** teve atendimento correto. Depois de muito trabalho para atendimento e exames solicitados, **MM** foi diagnosticada com uma ruptura de um aneurisma e foi submetida a uma drenagem e seguida de uma cirurgia para uma clipagem¹.

Para a família, sem dúvida, um cenário de medo e angústia, pois um de seus irmãos falecera de um aneurisma alguns anos antes, sendo vários os casos de parentes próximos de primeiro e segundo grau.

MM ficou em coma por vários dias após a cirurgia. A primeira palavra só foi proferida 60 dias depois do episódio neurológico. Vendo o desespero, a situação, e sendo, também, o AVC uma ocorrência na minha família, junto com alguns colegas de trabalho, eu fui solidária

¹ A clipagem é um procedimento cirúrgico que como o próprio nome diz consiste na colocação cirúrgica de um clip metálico entre o vaso normal e o aneurisma, excluindo-se desta forma a passagem de sangue para o interior do saco aneurismático. Este procedimento é realizado através da craniotomia, ou seja, uma pequena abertura no crânio.

em idas ao hospital. Lembro-me que a sua irmã chorava muito, pensando na possibilidade desse episódio ser mortal.

Por graça divina, não foi. Entretanto, segundo relatório médico, **MM** passaria a apresentar sequelas. Estas são vista como alterações que se manifestavam na linguagem, memória, atenção e coordenação motora.

Passados oito dias, a irmã voltou às suas atividades da escola e mencionou o problema da linguagem apresentado por **MM**.

Nessa época, ainda na graduação, cursando letras Modernas, já me interessava em aprofundar os meus estudos na área da Linguística, então me submeti a concorrer ao edital de Iniciação Científica Voluntária (ICv). Tomado por conhecimento a patologia da linguagem da irmã da diretora, e querendo participar dos estudos que relacionavam o cérebro e a linguagem após AVCH, me disponibilizei a tal estudo querendo trabalhar com esse sujeito.

De início, não foi possível chegar ao Grupo de Pesquisas e Estudos Neurolinguísticos-Gpen com o sujeito de pesquisa por outros motivos, mas algum tempo depois **MM** passa a ser o meu sujeito de pesquisa ao ser encaminhada ao Ecoa por uma prima. Após, ser aceita pela líder do Gpen/Ecoa (Espaço de Convivência entre Afásicos e não afásicos) /Lapen (Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos), fui, pela mesma, chamada numa tarde onde me perguntou: *“Uma professora veio me falar de **MM** e perguntando se ela poderia participar e se eu a aceitaria aqui. Eu quero saber se você pode assumir esse acompanhamento, pois todas as meninas já fazem acompanhamento e, eu não tenho como fazer por conta da demanda do mestrado e da graduação. Você pode?”* Respondi que sim, pois já havia um interesse em estudar esse caso.

Consequentemente, em meados de 2012, **MM** passa a frequentar o Ecoa. Nos primeiros meses, ela não demonstrava muito interesse no grupo, faltava. No entanto, o papel do investigador já começa por conquistar a confiança do sujeito e da família para que o desejo de estar presente no grupo ou nos acompanhamentos individuais seja maior que a sua ausência. Aos poucos **MM** foi se familiarizando comigo e com o grupo. Por vezes a sua ausência tinha como motivos as viagens a Cidade natal e na fazenda da família e mesmo outros lugares ou exames, pois coincidiam com o atendimento individual e em grupo que, ainda hoje no Ecoa, são realizados nas sextas-feiras.

Assim, começou a minha relação com a linguagem de **MM** que de *Tudo bem?* Hoje, passou a ser, também, *Tudo bem? Tudo bem?* ao apresentar a repetição como alteração na linguagem, além de um estado de afasia, por apresentar comprometimento não só no lado

esquerdo na porção posterior na região Temporal-ocipital, mas bem como no hemisfério direito e no lobo frontal.

Por fim, termino essa apresentação da minha relação com **MM** e a sua linguagem (direcionando para toda a dissertação) com uma de suas falas registradas nas gravações, durante as sessões de acompanhamento individual, que, por ora, também faço minhas, para tanta coisa a escrever, tanto a estudar, tanto a instigar durante a produção dessa dissertação... “(...) *eu sei o que é, mas não consigo falar (...)*”.

Destarte, expomos a seguir a base dessa dissertação que está cunhada na Neurolinguística Discursiva e se baseia na investigação e monitoramento das repetições produzidas por **MM**, abordamos, de maneira sucinta, o papel característico da Neurolinguística bem como a sua interface, como por exemplo, a trajetória percorrida da Idade Média até os dias atuais, incluindo a relação das atividades mentais frente a linguagem e desta com a fala, pontuando a importância da neuroplasticidade e do outro na reconstrução da linguagem.

3 NEUROLINGUÍSTICA E SUAS INTERFACES

3.1 Neurolinguística

A Neurolinguística é uma subárea da Linguística. Por ser uma disciplina criada recentemente é considerada nova no que diz respeito à Linguística. A Neurolinguística recebe um lugar de destaque por se relacionar diretamente com os estudos da linguagem e as relações que mantêm com a parte orgânica, neste caso: o cérebro.

O surgimento da Neurolinguística se deu a partir dos estudos afasiológicos, no século XIX², e foi constituindo-se por descrição sistemática das alterações da linguagem oriundas de lesões cerebrais. Os interesses dos neurologistas e afasiólogos da época voltavam-se para os processos linguísticos do cérebro tanto normal quanto patológico.

Como o próprio nome sugere, a Neurolinguística agrupa dois campos distintos do conhecimento, a saber: as Neurociências e a Linguística. Nesta, temos uma ciência que se interessa pelos estudos da linguagem humana em sua completude e, também a vemos como uma disciplina interdisciplinar, por isso, entendemos que a ela surge uma necessidade de ligar-se uma a outra, como por exemplo: a fonética, a fonologia, a semântica e a morfologia, sempre que preciso e, que, por meio dela, encontramos não só o fio condutor, mas, também, o que sustenta todos os tipos de trabalhos na área que foram, são e serão desenvolvidos. Em se tratando das neurociências, verificamos a importância dada ao conhecimento sistemático do cérebro, da mente e suas influências para o comportamento humano.

A neurolinguística relaciona-se diretamente com as neurociências ao manter uma relação de aproximação com as áreas médicas, ela não pode ser confundida com nenhuma delas, nem tão pouco se pode considerá-la um subproduto da neurologia, pois, assim, não seriam possíveis laborados estudos dos problemas linguísticos que a Neurolinguística se propõe a fazer. Dentre os quais, não podemos refutar que existe uma relação próxima entre as áreas do córtex e a interdependência de múltiplos processos ou funções cognitivas (memória, atenção, linguagem e percepção) que nos auxiliam na maneira como agimos e vemos o mundo real ao qual pertencemos (MORATO, 2001).

O distanciamento entre as duas áreas não existe apenas na composição dentre as partes que compõem o seu nome, neurologia – área da medicina; linguística- área da linguagem. Podemos perceber certo distanciamento presente, também, dentro do próprio campo que

² Sobre o percurso histórico da neurolinguística, nesse século, abordaremos mais adiante.

estuda a linguagem, a linguística, a qual torna a neurolinguística uma subárea do saber. Conforme Lebrun (1983),

A neurolinguística não é a linguística aplicada a manifestações verbais mórbidas. Efetivamente, a linguística tem por objetivo a linguagem, ao passo que **a neurolinguística interessa-se pelo indivíduo** que, tendo uma afecção do seu sistema nervoso central, apresenta dificuldades de adquirir ou utilizar adequadamente um código verbal (LEBRUN, 1983, p. 4) (ênfase nossa).

Dessa forma, vemos na neurolinguística o seu interesse pela investigação da linguagem em seu uso, pelo sujeito, na organização e no funcionamento nos processos verbais dentro das patologias cerebrais e cognitivas. Dessa maneira, a neurolinguística tem se interessado não só pela linguagem cujas alterações são encontradas devido a um fenômeno neurolinguístico local, mas, também, por aquela linguagem que consideramos típica, a linguagem conhecida como “normal”.

Dito de outra maneira, a neurolinguística vem mantendo uma preocupação em estudar o processamento da linguagem tanto em patologias quanto na linguagem “normal”, permitindo, assim, analisar os processos verbais e não verbais em sujeitos afetados por alguma patologia cerebral e/ou cognitivas (MORATO, 2001, p. 145-146).

Sobre o papel característico da neurolinguística Morato (2001) diz que:

[...] a Neurolinguística tem sido um lugar de **investigação de pré-conceitos** (como os da língua, linguagem, representação, cognição, significação etc.); da articulação epistemológica entre linguagem e cognição, essas duas formas de conhecer e apreender o mundo; da relação entre semiótica verbal e não-verbal; da semiologia e da classificação de problemas de linguagem; da elaboração de modelos de processamento cerebral da linguagem e da cognição; dos limites da correlação anátomo-clínica; da relação entre normalidade e patologia; das condições de reorganização linguístico-cognitiva após dano cerebral; das relações entre o processo de aquisição e o de patologia de linguagem [sendo esse o seu campo mais fértil](MORATO, 2001, p. 152) (ênfase nossa).

Compreendemos, então, que a Neurolinguística tem um vasto campo de investigação dependendo apenas do objeto de pesquisa que o investigador se propõe a estudar, mantendo sempre uma estreita ligação com a relação cérebro, mente, linguagem e cognição.

Sobre o termo estreito Morato (2001) sublinha que:

[...] não se trata de correlacionar diretamente uma coisa e outra, mas sim de procurar entrever seus modos de existência comuns, suas implicações e influências recíprocas. A relação estreita entre linguagem e cognição, dessa maneira, passa pela interdependência dessas duas formas de (ser) conhecimento (MORATO, 2001, p. 149).

Para tanto, os estudos correspondentes à neurolinguística são pautados, assim como a própria Linguística, na sua autonomia enquanto disciplina, metodologia e princípios próprios (LEBRUN, 1983). Contudo, a neurolinguística preserva o foco e o interesse pela descrição e análise da estrutura, organização e funcionamento da linguagem, seguindo a tradição deixada por todos aqueles que mantiveram interesse nesse estudo (MORATO, 2010).

Pela perspectiva, acima apresentada sobre a neurolinguística, temos, então, a noção do que é a neurolinguística, ou seja, uma disciplina que valoriza o estudo da linguagem como um todo, podendo abraçar várias outras disciplinas, podendo criar novas teorias. Entretanto, nenhum estudo com ou sobre a neurolinguística vai prescindir senão pelo caminho que a constituiu.

Tendo em vista o conhecimento do papel característico da Neurolinguística, apresentamos a seguir, de maneira sucinta, como esta disciplina se originou. Para tanto, abordamos os pontos mais relevantes desse percurso que se insere na Idade média chegando aos dias atuais.

3.2 Um breve percurso da neurolinguística: Ontem e Hoje

Luria (1983) se refere à neurolinguística como a filha emancipada da afasiologia neurológica que vinculava no final do século XIX e início do século XX. E adverte que mesmo sendo uma disciplina independente não deve esquecer suas origens. Dessa maneira, consideramos de suma importância o conhecimento pelo caminho traçado pela neurolinguística até os dias atuais.

Sabemos, então, que o interesse pelo estudo do cérebro e da linguagem é remoto. Desde a antiguidade, como os egípcios, por exemplo, podemos encontrar trabalhos sobre o assunto. No entanto, os estudos científicos relacionados à Afasiologia e à Neurolinguística se apresentam no final do século XIX.

Os egípcios foram os primeiros a estudar os danos cerebrais e suas consequências por meio das correlações anátomo-clínicas. De Galeno até a idade média predominava a Teoria dos Ventículos cujo interesse estava voltado para a arquitetura anatômica e suas funções ao relacionar-se com as faculdades mentais de que os homens são dotados e se propor a tais explicações. Para essa teoria, a linguagem não era vista como algo que estava relacionado, diretamente ou indiretamente, ao cérebro e/ou aos seus distúrbios, sendo, assim, uma

realidade nosológica. Para os estudiosos da época só a razão, a memória ou senso comum teriam uma realidade cerebral circunscrita (MORATO, 2001).

No entanto, a primeira correlação de uma área cerebral lesada e a manifestação clínica com pacientes neurológicos foi realizada por Fraz Joseph Gall (1758-1818). Seus estudos se baseavam nos exames anátomo-fisiológicas de impressão vistas a olho nu na caixa craniana. Gall foi responsável por inserir a linguagem entre as faculdades mentais que se localizavam no cérebro e que seria a região retro-orbitária dos lobos frontais a sede da memória verbal. Essa inserção foi possível por meio da sua teoria da dominância cerebral que apresentava oposição diante dos que defendiam a ideia de que o cérebro atua como um todo e que mantém participação em cada atividade cognitiva desenvolvida pelo homem. Essa fase ficou conhecida, inicialmente, como Frenologia (LURIA, 1983, p. 3).

Lebrun (1983) menciona que Gall acreditando que as marcas de olheiras sob os olhos estariam ligados à capacidade de inteligência, localizou, então, o sentido da linguagem, apoiando a sua teoria a fatos clínicos, relacionando as funções a partir de sintomas. Isto é, para Gall, se a lesão de uma determinada área causava uma disfunção, compreendia-se que ali estava a sua sede. Essa teoria desenvolvida foi perdendo *status* devido aos abusos da época em que qualquer disfunção estava relacionada a uma área específica. No entanto, não tirou o seu mérito ao afirmar que determinadas áreas predominam no desempenho de algumas funções, ao pecar apenas em não imaginar que os hemisférios, por terem lados distintos, poderiam exercer também funções distintas e complementares.

Mais tarde, Jean-Baptiste Bouillaud (1796-1881), adepto a teoria de Gall, recebeu críticas em não perceber que, na maioria dos casos com problemas linguísticos, o hemisfério lesado era o esquerdo, assim como na maioria das vezes os casos cujos problemas linguísticos se faziam ausentes à lesão pertenciam ao hemisfério direito. Hughling Jackson (1874) refutou essa ideia ao sublinhar que localizar a lesão responsável pela perturbação da fala é diferente de localizar a linguagem no cérebro.

Em 1836, na França, Marc Dax percebeu que quando a memória verbal está alterada é preciso buscar a causa da disfunção no hemisfério esquerdo. Nessa época, o nome de Paul Broca (1824 – 1880) já era citado embora não fosse, ainda, membro da Academia de Medicina e estava se tornando conhecido devido a publicações de artigos.

Broca, em abril de 1861, apresenta o caso de seu paciente, chamado Leborgne, que ficou afásico quinze anos antes de sua morte e que apresentou, após a sessão de autópsia, uma lesão extensa no lobo frontal esquerdo. Esse caso foi descrito, detalhadamente, diante da

Sociedade de Anatomia, em concordância com a opinião de Gall e Bouillaud que afirmaram que a linguagem se encontrava no lobo frontal esquerdo.

Todavia, em 1865, após várias avaliações de casos semelhantes, foi que Broca estabeleceu para a linguagem articulada a parte posterior da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo, conhecida hoje como a região de Broca (LURIA, 1983).

Segundo Luria (1981), a descoberta de Broca foi importante por duas grandes razões, a saber: a primeira por localizar no cérebro uma função mental complexa; a segunda, por delimitar as diferenças entre os hemisférios direito e esquerdo. Salienta também a importância de só localizar a parte da linguagem articulada.

Assim, a fala motora passa a ter sua sede no cérebro. Para Broca, esse era o centro para as imagens motoras das palavras e que uma lesão nessa área afetaria, conseqüentemente, a um tipo característico da fala expressiva que chamara de “afemia” e mais tarde de “afasia”. Este último é um termo utilizado até os dias atuais.

Uma década decorrida e Carl Wernick afirma que a capacidade de compreensão da fala audível se localiza no lobo temporal superior esquerdo, afirmando ser esta o centro das imagens sensoriais das palavras ou de acordo com a época, o centro para a compreensão da fala, conhecida, atualmente, como afasia de Wernick.

De todo modo, ao final do século XIX, os adeptos ao localizacionismo que predominava na época e que defendiam a ideia de que as funções cognitivas tinham regiões específicas no cérebro eram questionados por seus opositores como Charcot, Jackson e Freud.

Foram os opositores do localizacionismo que deram origem a moderna Neuropsicologia e Neurolinguística, a primeira no sentido funcionalista e a segunda, de inspiração estruturalista. Vale ressaltar que a falta de teorias pontes para aproximar a Linguística da Neurologia pesou para que não acontecesse nessa época estudos linguísticos sobre a afasia. Além disso, a incursão de linguistas nessa área era inibida por terem os estudos pautados no psicologismo que predominava nas primeiras explicações das afasias. Por isso, a história da afasiologia e da linguística é vista como um falso encontro.

Os estudos sobre a afasia só vieram a contemplar os estudos linguísticos em meados do século XX e eram referentes à sintaxe, ao marcar as regularidades gramaticais, e à semântica que estudava as questões lógico-formais das sentenças. Nessa fase, a fala ficou de fora por ser considerada como uma ação meramente motora, por ser vista como uma ação não simbólica ou não linguística, o que compreendemos que ficou, a fala fora da própria linguística, bem como o seu uso efetivo por falantes, os traços socioculturais e as práticas discursivas que se relacionavam a ela.

Entretanto, foi com Jakobson (1953) que se realizou o primeiro estudo linguístico nas afasias e que serviu de base para a descrição neuropsicológica dos fenômenos afásicos feitos por Luria, estudando, assim, a afasia sob o ponto vista linguístico. Assim, houve o primeiro diálogo entre a afasiologia e as teorias linguísticas, permitindo que encontrasse daí um caminho fecundo, criativo e promissor (MORATO, 2001).

Nos estudos sobre as afasias, Jakobson estava interessado em produzir uma teoria geral da linguagem em seu todo, ao se dedicar a criação de uma gramática, pois a afasia fere a norma, a gramática, os padrões estruturais e funcionais da língua, dando, então, suporte para o seu estudo. Esse estudo daria certo valor empírico à sua teorização do funcionamento da linguagem. Só com a incursão de Jakobson, cujos trabalhos eram baseados no estruturalismo e no funcionamento linguístico, foi que os linguístas e a própria linguística passaram a serem vistos como uma parte que propiciaria para uma melhor descrição e análise para o diagnóstico das afasias (MORATO, 2001, p. 157).

A Neurolinguística Tradicional, no estudo sobre a afasia, postula os seus trabalhos em testes-padrão que atuam de maneira descontextualizada, pois são compostos de atividades que denotam o grau linguístico que o afásico se encontra. Essas atividades inibem a presença do afásico como um sujeito dialógico que pensa, reflete e reorganiza-se mentalmente diante da linguagem ao tratar a língua como um código de sistema fechado e interno.

Em contrapartida à Neurolinguística Tradicional que visa os estudos da linguagem com patologia ao basear-se em testes-padrão ao se propor estudar a língua como um sistema fechado, tem-se a Neurolinguística discursiva que valoriza os caminhos que um sujeito com alterações na linguagem realiza ao avaliar a linguagem no seu funcionamento em contexto discursivo. Dito isso, apresentamos a seguir uma abordagem da Neurolinguística Discursiva na qual baseamos a presente pesquisa propondo um estudo orientado pela prática dialógica ao enxergar a língua como uma atividade que se constitui gradativamente.

3.3 Neurolinguística Discursiva

Ratificamos que, se opondo a Neurolinguística Tradicional, surge, no Brasil, no ano de 1988, uma neurolinguística que pensa no sujeito enquanto ser dialógico que atua na discursividade e age frente à linguagem ao se mostrar capaz de operar *com* e *sobre* a linguagem. No intuito de criticar e diferenciar os estudos abordados com a linguagem em contextos patológicos pela Neurolinguística tradicional, a Neurolinguística Discursiva (doravante ND), com seus estudos voltados para os processos linguístico-discursivos dentro

das patologias de linguagem após lesões cerebrais atua de maneira singular. Dentre as patologias, encontramos a afasia, a disartria e a doença de Alzheimer por serem alterações que se manifestam na linguagem. Nesse trabalho, ressaltamos o nome de Coudry (1998) como pioneira.

Para Coudry (1998), os trabalhos com a linguagem após acidentes vascular cerebral que seguem o modelo tradicional não levam em conta a interlocução entre o afásico e o não afásico ou qualquer sujeito com alguma patologia. Isso faz com que o investigador detenha um saber sobre a linguagem aumentando o grau de dificuldade do afásico, anulando assim as manobras de diálogo. Nesse sentido, “[...] o aspecto mais grave [apresentado pela neurolinguística tradicional] é que, nestes testes, se priva o sujeito da atividade epilinguística³ indispensável à construção e reconstrução da linguagem e priva-se o investigador de conhecer esse percurso pessoal [...]” (COUDRY, 2001, p. 15).

Coudry (2001) define as atividades epilinguísticas, como já foi dito, como aquelas que o sujeito opera *com e sobre* a linguagem, explorando os recursos da sua própria linguagem e fazendo uso de novos elementos linguísticos para enunciar. Quando estes feitos novos são elaborados, temos uma hipótese de estruturação na sua forma e uso significativo da linguagem por esse sujeito.

Nessa perspectiva apresentada, acreditamos que a ND surge com um papel intrínseco e singular frente à linguagem caracterizada em cérebros lesados, diferenciando, assim, seu papel nesse estado, pois está relacionada diretamente ao processo interacionista das práticas discursivas. Afirmamos, no que toca a ND, que a subjetividade e a construção do sentido estão na relação de um com o outro.

Apresentamos, então, neste trabalho, um acompanhamento respaldado na Neurolinguística Discursiva por meio de atividades construtivas e significativas para os interlocutores, valorizando os sujeitos como seres dialógicos, permitindo assim uma avaliação significativa na (re)construção da linguagem por meio de uma intervenção interacionista.

A concepção de linguagem da ND se fundamenta na ação indeterminada da língua (FRANCHI, 1992[1977]). Segundo esse autor, a linguagem não se limita e não se reduz a um papel social cuja função seria de ferramenta, pois assim seria olhar a linguagem apenas pelo seu lado exterior quando o seu papel essencial é a comunicação. Ao afirmar essa ideia, o autor não tem a intenção de negar o papel de comunicação que por ela exercemos ao explicitarmos as experiências que só por ela se estabelece ou os enlaces convencionais pelo qual

³ Segundo Coudry (2001), “[a atividade epilinguística] recobre a operações diversas sobre a linguagem, como transformar, segmentar, reordenar, reiterar, inserir, fazer escolhas e, mesmo, pensar sobre a linguagem e os processos de construção em que está envolvido” (COUDRY, 2001, p. 16).

interagimos e que nos permite compreender e sermos compreendidos. O que Franchi (1992) sublinha é que a linguagem é uma ação, no sentido de atividade, é livre, ativa e criadora que permite renovar-se para além do que prega as convenções sociais, exercendo, dessa maneira, um papel ativo.

Sendo assim, conforme Franchi (1992),

Antes de ser para a comunicação a linguagem é para elaboração; e antes de ser mensagem a linguagem é construção do pensamento; antes de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, **a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências** (FRANCHI, 1992[1977], p. 25) (ênfase nossa).

Consideramos, então, que a função de comunicar algo não é a função única da linguagem, nem mesmo a sua parte essencial, mas a de ser a linguagem um lugar de reflexão e do pensamento que ocorre no processo de partilha por ser algo receptivo.

Seguindo esse raciocínio Franchi afirma que:

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solidárias (FRANCHI, 1992[1977], p. 31-32) (ênfase nossa).

Dessa forma, a linguagem não deve ser considerada mero instrumento de comunicação e que por ela o homem se insere dentre outros homens, mas, sim, e também, como um “instrumento” de intervenção e do diálogo entre os homens e o mundo (FRANCHI, 1992[1977]), pois a linguagem se constitui gradativamente seguindo rumo das próprias experiências de quem a usa, exercendo um papel histórico, à medida que faz parte da história de cada um e da sua própria construção que se dá tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

Por essa perspectiva, a ND opera na construção da linguagem valorizando o processo que a constitui e que varia de sujeito para sujeito, permitindo um trabalho individualizado, fecundo e criativo assim como é a própria linguagem. Coudry (2001[1988]) ressalta que nessa concepção de linguagem por ela adotada, e, especificamente em casos de patologias de linguagem, a indeterminação da linguagem permite que haja uma reinterpretação das dificuldades que ora permite enxergar e interpretar erros e falhas que operam no jogo da

linguagem que deriva do sistema social, ora permite a reconstituição interpessoal de um sujeito com problemas neurológicos no jogo da linguagem ao intervir com recursos alternativos que o habilita a desempenhar os múltiplos papéis da língua(gem).

A autora salienta ainda que essa concepção é orientada por meio de uma teoria do discurso que se estabelece numa prática sócio-interacionista que envolve a prática dialógica, a constituição conjunta da significação, o recurso do interlocutor, a aceitação social dos seus recursos alternativos, a partilha, a recepção que se dá no jogo da linguagem na interação de maneira reversível. Assim, a linguagem vai ganhando formas e expressões.

Coudry (2001) também toma como parte de sua teoria ou para fundamentá-la a análise do discurso que nas palavras da autora:

De um modo mais prudente, falo em análise do discurso porque, faltando ainda elementos definitivos para a construção de uma teoria tão abrangente, não deixa de haver [...] não somente questões programáticas gerais como ainda um exercício fecundo que coloca em **evidencia inúmeros aspectos do funcionamento da linguagem nas situações discursivas** (COUDRY, 2001, p. 62) (ênfase nossa).

Por esse pressuposto, Coudry (2001) prioriza o processo que é estabelecido no discurso que permite interpretar, analisar o funcionamento da língua indo além das regras convencionais dadas na sociedade, pois caracteriza um lugar de subjetividade. Para tanto, Coudry (2001) vai buscar em Osakabe (1979) e Benveniste (1970) o lugar da interação que prioriza o eu e o tu que direciona numa via de mão dupla. Assim, a existência da significação se dá no discurso ao envolver as condições dêiticas próprias da situação.

Desse jeito, o discurso é visto pela autora como:

[expressão das] intenções significativas que os participantes trazem à interlocução, no sentido de agir um sobre o outro e sobre a própria situação. O discurso é sempre uma ação complexa que altera as condições iniciais da situação: uma construção conjunta da significação (COUDRY, 2001, p. 64).

Assim, compreendemos que as relações no discurso não são dadas previamente, podendo não haver traço comum entre os participantes. Por isso que quando as relações se constituem no discurso, essa constituição se dá por uma negociação permanente. Essa negociação pode vir explícita ou implícita. Para Coudry (2001),

A negociação é um processo pelo qual os interlocutores procuram fazer coincidir as imagens que cada um faz do outro, comparam entre si os compromissos com a verdade e crenças que possuem sobre os processos

envolvidos na conversação e testam a eficácia dos recursos expressivos de que se servem, escolhem a 'clave' e o registro, enfim o estilo da sua fala (COUDRY, 2001, p. 65).

Ressaltamos que nos estudos que envolvem a neurolinguística tradicional a negociação é apartada por se servir de testes metalinguísticos sobre os fatos da linguagem. Não se trata de discurso e nem se constituem relações de interlocução. Entretanto, consideramos que tanto a linguagem quanto o discurso se constituem por meio da negociação dadas na relação dos envolvidos nesse processo. Ambos, linguagem e discurso, não são dados como algo determinado, mas por uma construção contínua que leva em conta as particularidades históricas, sociais e culturais de cada um que nesse processo se encontra envolvido.

Por esse viés, vemos, então, no discurso, um lugar complexo onde a marca da subjetividade é pessoal, marcando assim a sua singularidade frente a interação e ao próprio discurso. No tocante da ND, esse é o lugar da linguagem. O lugar da linguagem é, senão, um lugar onde se priorizam os interlocutores, as condições dêiticas, a situação e o próprio discurso tanto em sua parcialidade quanto na sua completude. Isso acontece mesmo que o discurso envolva qualquer situação atípica ou não atípica.

A ND propõe uma concepção de linguagem constitutiva do sujeito, ou seja, nada está determinado na língua, mas que tudo se constói por meio das experiências que vão sendo compartilhadas, priorizando tudo ao redor. No entanto, essa prática se dá na fala por meio das enunciações a qual a língua está em plena vigência. Assim, abordaremos adiante como a relação da língua, fala e enunciação são interpretados pela ND, prática que direciona esta pesquisa.

3.4 Língua, fala e enunciação

Pensando a linguagem, e sob os postulados da ND, fazemos um trabalho com o sentido de compreender o funcionamento da linguagem de um sujeito que apresenta dificuldades em manejar a sua linguagem. Para tanto, se faz conveniente recorrermos a uma das famosas dicotomias saussurianas: língua e fala.

Segundo Saussure (1916), a fala para ser inteligível precisa da língua assim como esta para ser vigente necessita da fala (SAUSSURE, 2008[1916], p. 27). Dentro das patologias de linguagem, como por exemplo, as afasias e as disartrias, que a ND mantém preocupação, vemos o funcionamento da linguagem por meio das relações que são estabelecidas entre fala e língua. É na fala dita pelo sujeito com patologia de linguagem que conseguimos perceber as alterações linguísticas por ele apresentada, embora a língua permaneça inalterada.

Dessa maneira compreendemos que os estudos não devem ser desenvolvidos sem a compreensão da dicotomia supracitada. Portanto, consideramos relevante uma linha estruturalista do qual temos em Saussure, pai da linguística moderna, que concebe a língua como um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas (SAUSSURE, 2008[1916], p. 18) que são partilhados a um determinado grupo social por meio de uma convenção social.

É esse sistema compartilhado entre os homens que permite a nós, seres humanos, compreender e sermos compreendidos por ser a língua algo comum dentro de um determinado grupo social. Desse modo, a língua e fala seguem uma via de mão dupla à medida que uma necessita da outra seja para o estabelecimento de uma ou para que a outra seja inteligível. No entanto, é na fala que evidenciamos as alterações provenientes de episódios neurológicos. Entretanto, ressaltamos que a Neurolinguística está mais voltada para o sujeito que apresenta uma disfunção via lesão cerebral e suas atitudes frente à linguagem, pois a linguística em sua configuração saussuriana tem como objeto de estudo a língua enquanto que a Neurolinguística se preocupa com o sujeito que apresenta uma disfunção via lesão cerebral na fala/linguagem.

Dessa maneira, vemos na fala algo que é de interesse da ND uma vez que na fala são manifestadas as alterações que apresenta a língua em seu funcionamento devido a algum episódio neurológico, embora a língua permaneça preservada.

Como Benveniste foi um seguidor de Saussure, a ND se depara também com a interação Benvenistiana que defende no interior de sua teoria a intrínseca relação do eu com o tu e a subjetividade. No tocante da ND, a relação eu/tu se dá na interlocução entre investigador/mediador e sujeito de pesquisa, estabelecendo a intersubjetividade por práticas dialógicas que vão sendo construídas à medida que ambos colocam em funcionamento a linguagem por um ato individual.

Pensando na fala como um “ato individual” compreendemos que esse ato se estabelece no ato da fala, isso do ponto de vista Benvenistiano que ao propor um estudo da enunciação⁴ sob os postulados de Saussure desenvolveu o estudo da enunciação. Para Benveniste (2006), a língua fora da enunciação, ou seja, desse ato individual que encontramos a fala, é só possibilidade de língua. Assim, compreendemos que a língua para ser língua necessita se fazer de algo concreto, físico para se consolidar como língua. Pois de acordo com Benveniste (2006, p. 82) a enunciação é o lugar onde o funcionamento da língua se concretiza através de um ato individual de utilização.

⁴ A enunciação, aqui estudada, é utilizada no sentido individual no próprio ato da fala ao falar, considerando as condições dêiticas durante o discurso, sendo um produto individual.

Portanto, é na enunciação que as ideias manifestadas por um sistema de signos que a língua se apodera de si como um todo, pois só assim é considerada como língua. Também, é na enunciação que podemos elucidar as falhas apresentadas por um sujeito devido a uma lesão cerebral já que ele se constrói como sujeito dialógico à medida que se mostra capaz de construir o seu discurso. Nos casos de patologias de linguagem, consideramos esse ato individual de suma importância, pois permite perceber não só as dificuldades enfrentadas por um sujeito que apresenta uma disfunção de linguagem, mas também o percurso que a língua faz e/ou seu processo durante o seu funcionamento.

Consideramos, então, que a enunciação exerce um lugar diferenciado ao que toca a Neurolinguística Discursiva, pois é a partir da enunciação que a língua passa a ser real já que só pela enunciação que a língua se realiza no discurso, permitindo ao sujeito que ele se aproprie da língua. Dessa forma, percebemos a língua sendo colocada em funcionamento. Esse ato de colocar a língua em funcionamento se dá na inter-relação dos sujeitos na instância do discurso, preconizando ao *status* da língua o seu papel de virtualidade já que fora da enunciação a língua é tida como uma possibilidade de língua (Benveniste, 2006, p. 83). Por esse sentido, a enunciação é vista como um processo do qual a língua é, no discurso, apropriada por quem a utiliza (COUDRY; POSSENTI, 1983, p.101). E, também, que a sua construção se dá aos poucos pelos interlocutores, já que não é dada previamente (FRANCHI, 1977).

Desarte, o discurso é, então, a apropriação da língua no seu funcionamento. Para a ND, a língua deve ser estudada em seu funcionamento pelo discurso que emana dos interlocutores através da enunciação, e por meio desse funcionamento fazer as descrições e análises necessárias que são apresentadas nas patologias de linguagem para compreender, assim, o seu processo, bem como quais os caminhos que o indivíduo faz para se fazer compreender e ser compreendido.

Em relação à fala de **MM**, nosso sujeito, o estudo da enunciação se faz necessário uma vez que é a partir do que ela enuncia que percebemos, estudamos e analisamos a língua em seu funcionamento. É também por meio dos enunciados discursivos por ela produzidos e da prática com a linguagem na interação que consideramos **MM** como sujeito dialógico ao desenvolver um trabalho onde não só a linguagem é valorizada, mas, sim, e, também, onde a valorização do sujeito enquanto aquele que produz um discurso exerce sua atuação com/ na/ da linguagem.

Por esse viés, pensamos por meio da ND, que um sujeito com uma patologia de linguagem tem a capacidade de se colocar em atuação por meio da linguagem ao desenvolver

papéis comuns a qualquer pessoa quando demonstra estar refletindo, pensando, criando manobras para se fazer ser compreendido.

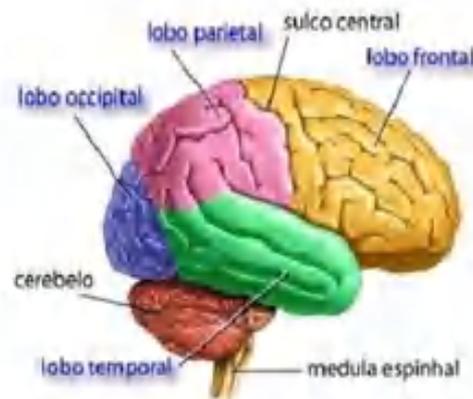
Consideramos que a língua, fala e a enunciação mantêm uma estreita relação no funcionamento da linguagem que evidenciamos no discurso. Nessa relação, há em comum um comando que parte das atividades cerebrais, pois a fala envolve um processo psíquico, físico e fisiológico que são gerenciadas pelo cérebro. Em consonância com o que foi dito, apresentaremos uma abordagem do funcionamento cerebral de acordo a neuropsicologia luriana e sua relação com a linguagem.

3.5 As atividades mentais frente a linguagem

Como já vimos, o interesse de estudar o cérebro se apresenta desde a antiguidade. Os egípcios já faziam estudos anatomo-fisiológicos, mas só no século XIX que temos relatos de estudos mais específicos com a era localizacionista que consistiu nos estudos que relacionavam cérebro-lesão- linguagem.

No que toca as patologias de linguagem, essa questão não se apresenta como uma ideia unívoca. Freud e Luria já questionavam o localizacionismo da linguagem. Para Luria (1981), o cérebro é o órgão da atividade mental análoga aos mais requintados dos instrumentos (LURIA, 1981, p. 1). Ainda segundo o autor, o cérebro humano deve ser visto como um sistema funcional altamente complexo e que se constitui de uma maneira muito singular. O cérebro é composto pelo cerebelo, e os lobos temporal, occipital, parietal, e frontal, como apresentamos a seguir na figura 1.

Figura 1⁵: Os lobos de acordo com Luria.



⁵ Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=divis%C3%A3o+de+luria+em+tr%C3%AAs+blocos>. (Consultado em 08 de março de 2017).

De acordo com Luria (1981, p.3), *The living Brain* (Fundamentos da neuropsicologia), de Grey Walter, foi o primeiro livro que mostrava uma tentativa de explicar o funcionamento peculiar do cérebro e dos princípios básicos que governam sua função. Mais tarde, outro livro do anatomista e fisiologista H. Magoun, “*The walking Brain*” (O cérebro desperto), registra a primeira tentativa de abordar o cérebro. O livro baseava em dados anatômicos e neurofisiológicos, apresentando o órgão como o responsável pelo estado ativo, conferindo-lhe o papel mais importante do ser vivo, não tendo seu estado passivo.

Em seu livro *Fundamentos da Neuropsicologia* (1981), Alexander Romanovich Luria aborda sobre a organização funcional do cérebro como o órgão da atividade mental. A partir desse livro fazemos nossas considerações sobre as atividades mentais frente à linguagem.

De acordo com a neuropsicologia luriana (1981),

[...] as funções mentais, como sistema funcional complexo, não podem ser restritivas ao córtex ou em agrupamentos celulares isolados, mas devem ser organizados em **sistemas de zonas funcionando em concerto**, desempenhando cada uma dessas zonas o seu papel em um sistema funcional complexo, podendo cada um desses territórios estar localizado em áreas do cérebro completamente diferentes e frequentemente bastante distantes uma da outra (LURIA, 1981, p. 16) (ênfase nossa).

Dessa forma, vemos que nenhuma área do cérebro atua isoladamente, mas como num concerto em que as atividades são desempenhadas de maneira harmônica, considerando o órgão-cérebro como um todo. Segundo Luria (1981), deveríamos conceituar as funções mentais superiores, tal como a linguagem, como um sistema funcional de formação complexa, exigindo assim a participação de diferentes partes do cérebro.

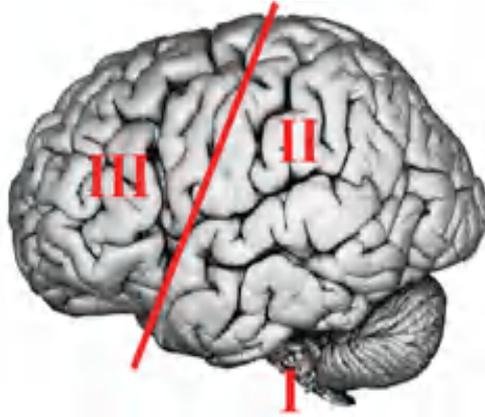
O cérebro tem duas grandes porções – anterior e posterior-. Luria, em seu estudo, dividiu o cérebro em três unidades e descreveu o sistema cerebral como um sistema que segue uma atividade hierárquica nas unidades cada qual com uma função específica e, ao mesmo tempo, solidárias umas com as outras.

Nas palavras do Luria (1981),

[...] os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos e que eles não estão “localizados” em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorre por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em concerto, cada uma das quais concorre com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional (LURIA, 1981, p. 27).

Abaixo, expomos como o cérebro é dividido em três unidades funcionais de acordo o modelo Luriano.

Figura 2⁶. Unidades funcionais do cérebro



Para o autor, qualquer atividade mental perpassa pelas três unidades funcionais. Cada unidade é responsável por uma atividade, mas que agem conjuntamente.

A unidade I tem como função o tono ou a vigília. Nessa unidade, cabe a responsabilidade de regular a estimulação ou o estado da consciência. As estruturas dessa unidade estão situadas no tronco cerebral e nas superfícies mediais do hemisfério cerebral e situada abaixo do nível do córtex. Assim, vemos que a unidade I forma um pré-requisito para o funcionamento mental como um todo.

A esse respeito Luria (1981) afirma que:

Para que os processos mentais humanos sigam o seu curso correto, o estado de vigília é essencial. É apenas em condições ótimas de vigília que o homem pode receber e analisar informações, que os necessários sistemas coletivos de conexões podem ser trazidos à mente, sua atividade programada e o curso de seus processos mentais verificado, seus erros corrigidos e a sua atividade mantida em um curso apropriado (LURIA, 1981, p. 28).

Por sua vez, a unidade II é responsável por obter, processar e armazenar as informações que chegam do ambiente externo. Luria define a unidade II como sendo:

[...] zonas hierarquicamente organizadas do córtex que constituem o segundo sistema cerebral [e que] funcionam de acordo com o princípio da

⁶ Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=divisão+de+luria+em+três+bloco.Acesso> (consultado em 08 de março de 2017).

especificidade modal decrescente e da lateralização funcional crescente. Estes dois princípios representam o meio pelo qual o cérebro pode levar a cabo suas formas mais complexas de funcionamento, estando na base de todo tipo de atividade cognitiva humana, a qual está vinculada, por sua, origem, ao trabalho, e, em termos de estrutura, à participação da fala na organização dos processos mentais (LURIA, 1981, p. 60).

Inferimos que a unidade II trabalha de maneira hierárquica para o bom funcionamento das formas mais complexas da atividade cognitiva humana, como por exemplo, a linguagem, a percepção, a memória e a cognição.

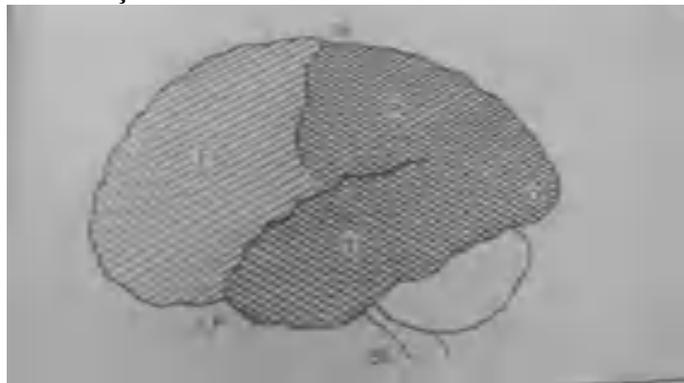
A última, unidade III, serve para programar, regular e verificar a atividade mental. Outro ponto importante é a sua organização de atividades conscientes. Pois,

O homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria intenções, formar planos e programa para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas; finalmente o homem verifica a sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo quaisquer erros que ele tenha cometido (LURIA, 1981, p. 60).

Destarte, inferimos que a unidade III, junto com as outras duas unidades, já que não trabalham isoladamente, contribuem para o perfeito estado da cognição do homem, nesse aspecto acrescentamos a linguagem e a memória.

As unidades II e III são situadas sobre as superfícies laterais ou nas convexidades externas dos hemisférios cerebrais. A unidade II ocupa a região posterior e é constituída do lobo occipital, lobo temporal e lobo parietal (Figura 3), trabalhando com o visual, auditivo e sensorial. Pela neuropsicologia luriana, como já foi dito, essa unidade é responsável para receber, analisar e armazenar informações (LURIA, 1981, p. 49).

Figura 3. Localização anatômica das três unidades funcionais de Luria

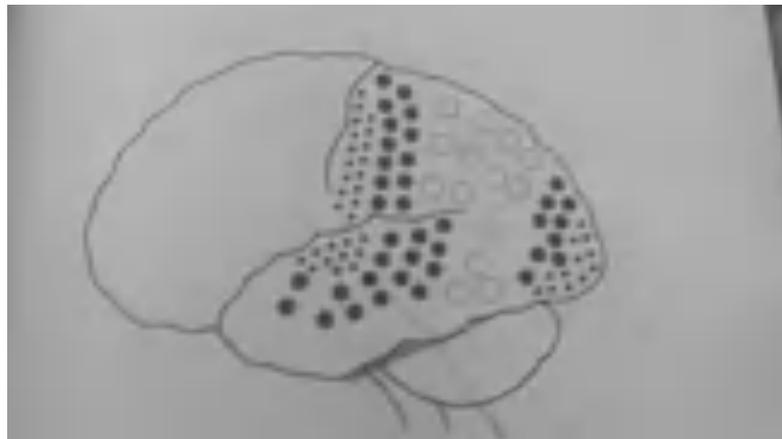


Siglas: F = lobo frontal, P = lobo parietal, T = lobo temporal, CF = fissura central, BS = tronco cerebral, Linhas pontilhadas = Unidade I, Hachurado = Unidade II e linhas diagonais = Unidade III.

Fonte: Kagan, A. & Saling, M.M. 1997, p. 21.

A unidade II constitui uma divisão funcional mais ampla e complexa, pois é subdividida em três zonas diferentes, a saber: primária (diferencia os sistemas auditivos, visão e táteis), secundária (sintetiza as informações sensoriais recebidas da zona primária) e terciária (situa-se na fronteira entre os lóbulos occipital, parietal e temporal e atua integrando as áreas) como nos mostra a Figura 4. Além disso, a primária recebe ou envia impulso para a periferia; a secundária processa a informação que entra ou prepara programas para a ação e a terciária responde pela participação integrativa de muitas áreas.

Figura 4. As subdivisões da unidade



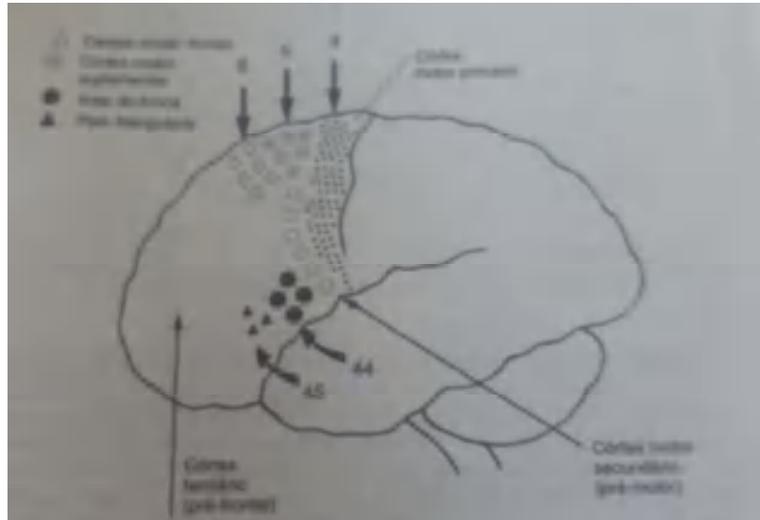
Zonas primária, secundária e terciária na unidade II. Pontos grandes vazados = zona terciária, pontos pretos grandes = zona secundária e os pontos menores = zona primária.

Fonte: Kagan, A. & Saling, M.M. 1997, p. 25.

A unidade III situa-se anterior à unidade II e consiste nos lóbulos frontais também tem três zonas: primária, secundária e terciária que operam de maneira inversa a unidade II (Figura5). Nessa unidade, encontramos o córtex das associações. Este córtex é responsável pelas associações; pelas atividades motoras voluntárias, incluindo a linguagem expressiva e a escrita, sendo a sua principal função a de controlar e coordenar a motricidade voluntária e a tomada de decisão e o córtex pré-frontal que constitui a máxima expressão do desenvolvimento cerebral, sendo o responsável último da cognição, do comportamento e da atividade emocional. É neste córtex que encontramos, segundo alguns autores, as funções executivas (FE) que organiza o comportamento permitindo a resolução de problemas complexos. Consideramos funções executivas a capacidade de selecionar, planejar, antecipar ou inibir uma atividade mental, monitorar tarefas de seleção, previsão e antecipação de objetivos, flexibilidade dos processos cognitivos e a fluência verbal, comprometendo a

velocidade de movimentos automáticos como a fala e os gestos. A unidade III é a parte dinâmica do cérebro sendo responsável pelo controle e avaliação da ação. Luria (1981) descreve isso como a programação, regulação e verificação da atividade.

Figura 5. As subdivisões da unidade três



Zonas primárias, secundárias e terciárias da unidade III.. Pontos grandes vazados = zona terciária, pontos pretos grandes = zona secundária e os pontos menores = zona primária, triângulo = área de Broca

Fonte: Kagan, A. & Saling, M.M. 1997, p. 26.

Uma das principais características da unidade III são as complexas conexões recíprocas que ocorrem tanto verticalmente com níveis inferiores do cérebro como horizontalmente, com o resto do córtex. Segundo o Luria, “o córtex pré-frontal desempenha um papel essencial na regulação do estado de atividade, modificando-o de acordo com as intenções e planos complexos do homem formulados por meio da fala” (LURIA, 1981, p. 67).

Sobre os canais de saída de informação, salientamos que a unidade II tem três canais de entrada enquanto que a unidade III tem um único canal de saída. As unidades II e III se diferenciam pelo fluxo de informações. Enquanto a II lida com a entrada de informações, a unidade III é responsável pela saída. Embora a ordem de entrada e saída diferencie as atividades, para Luria os processos eferentes – unidade III- e aferentes – unidade II- estão intimamente ligados.

Considerando a linguagem uma atividade psíquica e complexa e, pensando no seu funcionamento, podemos perceber que a maneira como o indivíduo recebe ou canaliza as informações ou estímulos externos, após uma lesão, pelas unidades I, II e III, interferem diretamente na sua produção e comportamento, pois demarca que algo errado está acontecendo. Hipoteticamente, podemos considerar no sujeito afásico **MM** que os “erros”, “as

falhas” e/ou dificuldades apresentadas podem ter origem na disfunção de uma das unidades e/ou zonas, ocasionada por uma lesão após episódio neurológico.

Entretanto, consideramos que mais do que a correlação neuroanatomica e neurofisiologia, ou seja, a localização e função, recebemos influências do mundo exterior e das relações sociais, do outro, implicando no aprendizado e desenvolvimento da cognição ao longo da nossa história de vida e, também, na reorganização da linguagem.

No entanto, como as unidades funcionam como em concerto, de maneira harmoniosa, concluímos que uma lesão em uma determinada área do cérebro pode produzir uma desintegração de todo sistema funcional, de modo que um sistema em particular não nos diz nada sobre a sua localização.

De acordo com esse raciocínio, Luria (1981) diz que:

Seria um erro imaginar que cada uma dessas unidades pode levar a cabo uma certa forma de atividade de maneira completamente independente [...] **cada forma de atividade consciente é sempre um sistema funcional complexo e ocorre por meio do funcionamento combinado de todas as três unidades** cerebrais, cada uma das quais oferece a sua contribuição própria (LURIA, 1981,P.78) (ênfase nossa).

Desse modo, uma disfunção em uma determinada área pode contribuir para que em outras áreas o desempenho não seja como o esperado uma vez que as três unidades atuam em conjunto de forma hierárquica. Dessa maneira, podemos considerar que em diversos casos de lesão a linguagem pode sofrer diversos tipos de alterações.

Essas alterações são “solucionadas” por meio da neuroplasticidade. Isso quer dizer que: toda atividade cerebral gira em torno do Sistema Nervoso Central (SNC). O SNC possui uma rede neural complexa, com células especializadas a funções específicas, que fazem milhares de conexão a todo momento, sendo responsáveis pela sensibilidade e as ações motoras, traduzindo-as em comportamento (ANNUNCIATO, 2000 p. 6)

De acordo com Annunziato (2000), em casos de lesões, há um desarranjo nesta rede neural, conseqüentemente, o SNC inicia seus processos de reorganização e regeneração, ou seja, ocorre uma plasticidade no SNC. Isto é, o Sistema nervoso (SN) passa a ser moldado de acordo com a necessidade dos neurônios. Nesse sentido, a plasticidade neural refere-se à capacidade que SN possui em alterar algumas das suas propriedades morfológicas e funcionais em resposta às alterações do ambiente. Na presença de lesões, O SNC utiliza-se desta capacidade na tentativa de recuperar funções perdidas e fortalecer funções similares relacionadas às originais. Vários são os fatores que interferem na plasticidade neural, como

por exemplo, a influência do ambiente, o estado emocional, o nível cognitivo dentre outros, interferindo, direto ou indiretamente, na plasticidade do SNC.

Ainda conforme Annunziato (2000), os processos de reorganização do SNC começam a acontecer logo após a lesão, resgatando padrões de comportamentos mais próximo à normalidade, para este fim, é recomendado a intensificação da terapia em fase inicial em que a plasticidade é efetivamente mais intensa. Nesse sentido, compreende-se que terapias intensivas por um longo período de tempo podem favorecer a recuperação a função uma vez que permite uma melhora na qualidade do *feedbacks* sensoriais, favorecendo a fixação de atos motores. Essa atividade é importante porque a reconstituição aprendida pode perder-se novamente, caso não seja utilizada a longo prazo, sendo adequado manter uma ativação contínua ou periódica do SN envolvido.

Dito isso, vemos a importância do acompanhamento longitudinal como prática metodológica na intervenção com a prática (clínica) da linguagem desenvolvida pela ND, pois permite que, por meio da intervenção, focaliza-se o que pretende-se reabilitar no sujeito, no caso de **MM**, monitorar a repetição e ao mesmo tempo permitir que **MM** reconheça seu estado repetitivo na linguagem. Para tanto, procuramos por meio da motivação com atividades significativas mobilizar **MM** para a ação reguladora⁷ provendo o desejo, vontade e interesse e a pré-disposição para agir a favor da intervenção. O investigador/mediador, por meio do comando verbal, a linguagem, pode potencializar a intervenção, informando como e quando realiza repetições e ofertando orientação de correção, quando necessário.

Compreendemos, assim, que, a concepção de linguagem indeterminada, a neuroplasticidade e a concepção de cérebro proposta por Luria (1981) tem em comum um fator fundamental: a contextualização sócio-histórica dos processos linguísticos e psíquicos que, por isso, dependem de diversos fatores que entram em jogo nos processos de significação, pois todas as atividades das mais simples às complexas exigem atividades cerebrais bem definidas e todas, direta ou indiretamente, relaciona-se com a linguagem

⁷ De acordo com os estudos de Luria (1986) e Vygotsky (1993), a função reguladora da linguagem ocorre ainda na infância quando a criança está subordinada ao adulto. Nesse sentido, a palavra regula o comportamento da criança, sendo o começo da formação dos aspectos complexos da sua atividade consciente e voluntária. Assim, dessa forma, a palavra, em sua função reguladora, não é só um instrumento de mero reflexo da realidade, mas, também, o meio da regulação do comportamento que começa com os pais, por intermédio da linguagem, e, mais tarde, pela própria criança. Nos casos de afasia, o sujeito afásico perpassa por caminhos semelhantes; como não tem controle ou percepção de certos atos involuntários o investigador/mediador traça uma atividade verbal, por meio da linguagem, para que esse sujeito possa retomar o controle da regulação que se dá primeiro pela subordinação e, depois, por conta própria. No caso de **MM**, o monitoramento permite esse percurso. Para saber mais a respeito da função reguladora da linguagem ler Luria (1976, 1981 e 1986), Vygotsky (1993) e a dissertação de Morato (1991).

Consideramos que a linguagem é uma atividade complexa, por si só, que envolve fatores internos (orgânico) quanto externos (ambiente) para o seu desenvolvimento. No entanto, levamos em conta que esse desenvolvimento se dá por uma condição humana, ou seja, a linguagem se constitui em meio a um ambiente de linguagem. Nesse sentido, vemos a necessidade da presença do outro para que a linguagem estabeleça. Dito isso, abordaremos a seguir sobre o lugar do outro frente a reconstrução da linguagem.

3.6 O lugar do outro frente a reconstrução da linguagem

Como já informado no capítulo 3, 3.3, a ND surge com o intuito de criticar e diferenciar os estudos abordados com a linguagem em contexto patológicos pela Neurolinguística Tradicional. Para tanto, a ND parte de uma concepção de linguagem constitutiva e indeterminada (FRANCHI, 1977). Assim, entendemos que a linguagem é uma atividade que se constitui gradativamente e de maneira crescente, sendo fruto de um trabalho que se realiza com e sobre a linguagem de maneira coletiva e individual, pois conforme Saussure (1916), a linguagem tem um lado individual e social. Assim prevalecem as diferenças sociais que caracterizam a linguagem uma vez que, ao passo que o indivíduo se constitui historicamente o mesmo acontece com a linguagem. A relação do indivíduo e sua linguagem se dá numa via de mão dupla.

Por essa perspectiva, o trabalho com a linguagem que segue a linha tradicional não leva em conta a interlocução entre os sujeitos com patologias de linguagem e os sujeitos que não sofrem alteração na linguagem. Isso faz com que o outro detenha um saber sobre a linguagem aumentando o grau de dificuldade, anulando assim as manobras de diálogo. Nesse sentido, “[...] o aspecto mais grave [apresentado pela Neurolinguística Tradicional] é que, nesse tipo de testes o sujeito é anulado de suas atividades superiores como pensar, lembrar, memorizar, recordar etc. e que são indispensáveis a construção e reconstrução da linguagem, pois priva-se o investigador de conhecer esse percurso pessoal [...]” (COUDRY, 2001, p. 5).

Por essa perspectiva, apresentada, acreditamos que a ND surge com um papel intrínseco e singular frente à linguagem caracterizada em cérebros lesados, pois está relacionada diretamente com os processos interacionista das práticas discursivas. Afirmamos que, no que toca a ND, que a subjetividade e a construção do sentido estão na relação de um com o outro, pois só por meio da linguagem que um homem atinge o outro (BENVENISTE, 2006).

Muito embora a linguagem se promova na interação e nas mais variadas formas, não podemos deixar de passar de maneira rasa o papel do outro como mediador, pois este exerce um papel especial frente às dificuldades apresentadas em uma das duas ou mais linguagens situadas na interação. Nesse sentido, ao fazer e permitir o uso de processos alternativos de linguagem tem neste, uma mediação para estabelecer o sentido necessário para uma linguagem significativa.

Buscamos explicar o termo "mediação" pela perspectiva histórico-cultural que temos como principal autor o Lev Semtonovitch Vygotsky. Este autor articula seus fundamentos na tradição marxista ao estudá-la como ciência e filosofia. A primeira buscando o materialismo histórico e, na segunda, o dialético.

Segundo os preceitos marxistas, o desenvolvimento das habilidades e funções específicas do homem são resultados do fruto do trabalho e que, por meio deste, o homem é capaz de transformar a si e ao mundo, tendo como mediação os instrumentos e os signos⁸ A internalização ocorre nas funções mentais superiores que se constitui pela mediação. As funções mentais superiores são responsáveis pelos processos desempenhados do homem, a saber: a memória, atenção e lembrança voluntária, memorização ativa, capacidade de planejar, estabelecer relações, ação intencional, imaginação, uso de linguagem, vontade, raciocínio dedutivo, pensamento abstrato e conceitos e que, o seu desenvolvimento só ocorre por meio da mediação.

Vygotsky (1989) procura esclarecer o termo "mediação" ao relacionar o comportamento da criança frente ao mundo real, visando explicar o desenvolvimento do seu psiquismo. Para o autor,

[as atividades da criança] adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 1989, 33).

A citação acima nos mostra a origem social do desenvolvimento pessoal que se dá nos indivíduos por meio das funções superiores e que temos na mediação ou e a intervenção de algo em permeio dentro duma relação. Os elementos intermediários podem ser de dois tipos:

⁸ Para Saussure o signo é a união de uma imagem acústica a um conceito. Sendo uma unidade de duas faces cujo conjunto se insere a língua. Já para Vygotsky, o signo compreende os símbolos, os números, os gestos, a linguagem etc. Elementos que faz parte da rotina humana.

instrumentos e signos⁹. O instrumento é o objeto colocado na relação do homem com seu trabalho com uma finalidade específica, abrangendo possibilidades maiores de agir sobre a natureza, sendo externo ao indivíduo.

Assim como os instrumentos são mediadores nas atividades de trabalho do homem, os signos são instrumentos psicológicos direcionados pelo próprio indivíduo. É interno e voltado para controlar as suas ações psicológicas. Dois processos importantes ocorrem com os signos: primeiro, os signos surgem como marcas externas e que, com o uso, serão transformadas em processos internos de mediação. Esse processo é chamado de internalização. O segundo, são criados sistemas simbólicos, estes são responsáveis em organizar os signos em estruturas complementares.

Em *A formação social da mente* (1999), sobre essa relação de instrumentos e signos, Vygotsky afirma que:

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento de trabalho (VYGOTSKY, 1999, p.70).

Para Vygotsky o homem ao fazer uso dos signos tem, nestes, funções semelhantes ao uso dos instrumentos¹⁰ pelo homem à medida que atuará como elemento intermediário na interação com uma função específica: comunicar-se.

No que diz respeito à ND, a mediação será explorada pelo mediador/investigador/terapeuta em relação a sujeitos com alterações na linguagem por meio dos mais diferentes e diversos processos alternativos como: a dêixis, as expressões faciais, os gestos e emprego de objetos e a linguagem. Estes são considerados como atos de mediação e, todos com a finalidade de significar algo, solucionando assim a dificuldade que esse sujeito tem para expressar-se. Dessa maneira, o investigador/mediador age como um provocador de linguagem e, ao fazer e permitir o uso dos processos alternativos de linguagem contribui de maneira significativa para a construção do sentido que só será estabelecido no contexto dialógico em que for inserido. Pois, como sublinha Coudry "[...] o processo dialógico caracteriza a linguagem e é o lugar de constituição de outros modos de ação [...]" (COUDRY, 2001, p. 76).

⁹ Para Vygotsky o signo compreende a palavra diferentemente de Saussure (1916) que define signos como uma entidade de duas fases em que uma implica a outra e que compõe outros signos.

¹⁰ De acordo com Benveniste (2006), a linguagem não pode ser comparada aos instrumentos uma vez que não pode ser inventada, nem criada pelo homem, pois a linguagem é da natureza humana enquanto que os instrumentos são criações.

Desse modo, marcamos o traço distintivo da ND em relação à Neurolinguística Tradicional ao levarmos em conta que nesse processo interacionista das situações enunciativas estão envolvidos dois ou mais sujeitos em condições diferentes frente à linguagem.

De acordo com Senhorini *et al.* (2016), a Neurolinguística Enunciativo-discursiva, como também é chamada a ND, atua sob uma conduta no processo terapêutico visando auxiliar o paciente a utilizar suas habilidades residuais para compreender e se expressar da melhor maneira possível, tanto na modalidade oral quanto na escrita. Para tanto, se ancora em práticas enunciativo-discursivas, priorizando o cognitivo aliado às práticas sociais da língua visando a recuperação das habilidades da conversação que estariam perdidas na afasia. Nesse sentido, a interação verbal desempenha um papel singular e privilegiado na construção de identidades sociais e relações interpessoais além de envolver uma grande habilidade linguística dos falantes.

Desse modo, o acompanhamento longitudinal, como prática terapêutica, concebe a oralidade e a escrita, enquanto práticas sociais, um processo contínuo que insere cada sujeito nos espaços sociais. Assim, o acompanhamento atua rompendo estigmas vinculados a uma visão que desconsidera o sujeito como um sujeito de linguagem. Pois, como disse Jakobson (1963), é preciso que a linguagem seja trabalhada “em funcionamento”. Isso porque, só através do discurso, do sujeito enquanto enunciador, que a linguagem pode se reorganizar em todos os níveis. Dessa maneira, vemos na prática terapêutica proposta pela ND a preocupação na produção de diversos gêneros discursivos, sendo estes fundamentais para a (re)inserção do sujeito em práticas sociais, como por exemplo, a oralidade, a leitura e a escrita.

Para Senhorini (2016), a ND, por uma perspectiva histórico-cultural, considera o meio social, embora exterior ao cérebro, como parte integrante do funcionamento cognitivo, interferindo no funcionamento cerebral. Isto porque quando se recorre a linguagem o trabalho cerebral se intensifica, pois a linguagem participa de todas as atividades humanas. Além disso, a linguagem não é estática e o cérebro é plástico.

Ainda segundo a autora, é importante ressaltar que a prática terapêutica à reabilitação em um processo específico da linguagem durante a produção do discurso é uma tarefa complexa. Por isso, a terapia na ND analisa não apenas a palavra, mas a análise da língua que foi impactada pela afasia.

Vemos, nesse processo, que as bases das estratégias terapêuticas são as práticas com a linguagem, o dialogismo, o contexto na produção de sentidos, a coautoria do terapeuta em

textos orais e escritos, a resignificação do papel de falante e as relações interdependentes entre semioses verbais e não verbais.

Dito isso, consideramos que a ND valoriza a linguagem nas patologias de linguagem quando considera o sujeito e não o que é patológico, um indivíduo capaz de se colocar frente às interlocuções e de se inserir nos mais variados espaços sociais, retomando um espaço que, geralmente, se perde com o seu novo estado, dito de outra forma, um sujeito de linguagem.

Percebemos, então, que a linguagem e seus estudos denotam naturezas diferentes, sendo todas importantes para a compreensão da língua/linguagem como um todo. A seguir, abordaremos sobre um fenômeno muito recorrente na fala tanto de pessoas com patologias de linguagem quanto em pessoas tidas como “normais”, a repetição.

4 ASPECTOS TEÓRICOS DA REPETIÇÃO POR PRISMAS DIFERENTES

4.1 O que é Repetição?

A repetição é um fenômeno muito corrente na linguagem oral. Tanto que podemos encontrar nos provérbios, nas marchinhas de carnaval, no refrão de músicas e na interação com o próximo. Assim, percebemos que a repetição tem uma característica muito presente na oralidade. Não é à toa que a retórica soube discernir varias figuras de linguagem sob os efeitos da repetição, como por exemplo, a anáfora, a aliteração, a epanástrofe, dentre outros, geralmente, partindo sempre de marcas de oralidade.

Mas o que é, afinal, repetição? Buscando responder essa interrogativa recorreremos ao dicionário Houaiss (2010) cuja definição vem prescrita como “ato ou efeito de repetir (-se)¹¹. Compreendemos esse feito linguístico tanto para a fala quanto para a escrita.

Neste trabalho, procuramos estudar a repetição apresentada na linguagem do sujeito **MM**. Na fala, o sujeito em questão apresenta alterações na linguagem que assemelha a uma repetição como mostra o exemplo a seguir:

Ima: *Oi, MM!*

MM: *Oi!*

Ima: *Quando você viaja para Belo Horizonte?*

MM: *Quarta-feira, Quarta-feira, Quarta-feira.*¹²

Nesse exemplo, vemos que, no turno 4, o sujeito **MM**, no processo de interação, faz uma assertiva (*Quarta-feira, Quarta-feira, Quarta-feira.*) de uma indagativa (*Quando você viaja para Belo Horizonte?*). Contudo, não é de fato o que interlocutor esperava, causando um estranhamento ao ouvir em excesso a resposta (*Quarta-feira. Quarta-feira. Quarta-feira.*). Assim, de acordo com a definição do Houaiss, vemos que o que chamamos de excesso de fala é uma repetição, pois na pronúncia do primeiro item já temos uma resposta, não sendo necessário repetir o primeiro item.

Dessa maneira, se **MM** faz o uso de duas vezes seguidas do mesmo material linguístico sem variação, concluímos que, na fala de **MM** há características de uma repetição,

¹¹ Adotamos esse dicionário e não o de maior uso, Aurélio, por integrar melhor ao objetivo da pesquisa por associar a escrita e fala.

¹² Ima e **MM** são as siglas dos interlocutores, sendo, respectivamente, investigador/mediador e sujeito da pesquisa.

sendo, portanto, o feito linguístico pronunciado por **MM** uma repetição como mostra o exemplo citado.

Neste capítulo, focalizam-se os aspectos teóricos deste trabalho sobre a repetição¹³. A repetição é um fenômeno muito frequente tanto na fala “normal” como em casos de patologias de linguagem. Partindo desse pressuposto, estudaremos a repetição na fala de **MM** e a abordaremos por prismas diferentes.

4.2 A repetição para a Linguística

A repetição é um fenômeno, frequentemente, utilizado nos textos orais, sendo estudada sobre vários aspectos. Consideramos textos orais qualquer texto que seja vocalizado, como por exemplo, diálogos, provérbios, músicas, marchinhas etc.

Numa perspectiva linguística, a repetição tem sido explicada a partir de contextos textuais interativos. Na literatura, do ponto de vista linguístico, a repetição é estudada e apresentada como parte integrante do discurso, sendo esse, mais especificamente, o texto oral.

Alguns nomes são referência no estudo sobre as repetições nos textos orais, a saber: Perini (1980), Ramos (1983), Bessa Neto (1991), Marcuschi (1992, 2006) Lagrotta (2001), Dos Santos (2015).

¹³ Como a repetição é o objeto de estudo desta pesquisa e será abordada do ponto de vista linguístico, cabe aqui salientar que a repetição também é estudada por outros prismas como, por exemplo, a psicanálise, dessa forma faremos uma sucinta apresentação nessa área. Na psicanálise, a repetição está entre os quatro conceitos básicos ao lado da transferência, pulsão e inconsciente. Freud (1914) caracteriza a repetição como um ato de transferência, de resistência e de atuação. Esse trinômio, segundo o autor, mantém uma relação estreita, pois para Freud a repetição está ao lado da atuação movida por componentes psíquicos recalçados que é atualizado durante a análise com o analista. Nesse sentido, a repetição se apresenta na análise como uma força que atualiza os componentes psíquicos que antes não podiam ser recordados. De acordo com essa estreita relação do trinômio com a repetição, Freud observa que: i) quando mais forte a transferência, menos se recorda e mais se repete; ii) o que determina a repetição é a resistência; e, iii) a repetição contrapõe-se a recordação e marca algo bem definido do passado. Assim, Freud afirma que para não ter repetição é preciso superar as resistências. Essa superação ocorre quando o analista revela a resistência que nunca é percebida pelo analisando, fazendo-o assim familiarizar-se com ela (a repetição). O que dará andamento a essa familiarização é a angústia que age como operador de estranheza fazendo prosseguir a análise. Para tanto, Freud se vale da elaboração como uma forma de lidar com a resistência, oriunda de uma repetição não simbolizada, agindo por atuação. Desse modo, reproduz situações não mediadas pela linguagem. Freud mantém uma preocupação em deixar a repetição na esfera psíquica, esforçando-se para que o paciente não repetisse mecanicamente. Lacan (1988) não vê a repetição de Freud como uma reprodução, mas como algo novo. Para Lacan, a repetição está ligada a um elemento excluído da cadeia dos significantes. Esse elemento é o que faz repetir. Para Freud a repetição é marcada pelo advento do novo. Pois a repetição é uma força de atualização de componentes psíquicos e a análise tem por objetivo apontar para que as atualizações sejam metabolizadas psiquicamente. Dito isso, vemos a repetição como o paradoxo da transferência. Concluímos, então, que a repetição é, na obra freudiana, a produção do novo, pois o que se repete é o elemento da cadeia dos significantes, elemento que não permite a identificação entre os significantes. Em outras palavras, o que repete é o impossível de se dizer, o impossível de ser recordado. Ressaltamos que a psicanálise não visa à repetição, porém o seu trabalho se dá sobre os componentes contidos nas repetições em sessões analíticas. O objeto visado é a interpretação que faz das repetições motivos de reprodução e metabolização psíquica. (FREUD (1914); LACAN (1988) apud ALMEIDA et. al. (2008).*grifo nosso*).

No estudo sobre a repetição, um dos pesquisadores a demonstrar interesse foi Perini (1980). Para este autor, a repetição é recorrente no texto falado devido a uma inserção qualquer e parte do pressuposto de que: i) possuímos conhecimentos não explícitos das limitações de uma pessoa que ouve enunciados falados e tenta compreendê-los; ii) fazemos uso deste conhecimento ao construir nossos enunciados; e iii) a fala é cheia de desvios que não são aleatórios, mas que são em parte motivados por considerações de facilidade de processamento.

Perini (1980) defende que a repetição ocorre devido a uma interrupção causada por uma inserção, pois trata-se de uma estrutura canônica que envolve sujeito + verbo+ objeto. Nesse estudo, o autor entende por inserção a) um constituinte transportado; b) um aposto; c) um constituinte estranho à sentença, como uma exclamação; e d) uma combinação de todos já mencionados. A partir dos seus estudos em Bever e Mehler (1967) e Moore (1972), Perini (1980) menciona que as estruturas canônicas seriam mais acessíveis às estratégias sintáticas de reconhecimento, conforme os estudos psicolinguísticos desses autores.

Numa visão psicolinguística, Perini (1980) propõe que o processo de decodificação inclui o armazenamento da informação na memória de certo termo até que unidades de significado sejam completadas.

Para o autor (1980),

[...] É necessário admitir que, antes que uma sequência seja armazenada na memória imediata, um mecanismo pré-analisa a sequência interpretando partes dela como realização de unidades de nível superior. Esse mecanismo tem à sua disposição um certo número de estratégias, que se ordenam segundo uma espécie de ordem de preferência: a primeira estratégia é experimentada e, se fracassar, passa-se à segunda e assim por diante [...] a ordem de preferência se relaciona com uma ordem de canonicidade das estruturas da língua (PERINI, 1980, p. 117, apud, RAMOS, 1983, p. 29).

Dito isso, Perini afirma que a ocorrência de repetição após inserção contribui para facilitar o processamento do enunciado, pois reconstitui estruturas canônicas. Assim, a presença da repetição se dá pela presença da inserção, servindo como minimizador da dificuldade trazida pela fragmentação da estrutura canônica.

Ramos (1983), seguindo o trabalho de Perini (1980), desenvolveu um estudo também sobre as repetições. O seu objetivo foi de classificar o funcionamento das ocorrências da repetição que se manifestam na fala coloquial espontânea. Ramos (1983) faz um estudo sobre as repetições ao aprofundar seus conhecimentos sobre as hipóteses para uma taxonomia das repetições no texto falado. A autora adota o termo “texto” baseando-se em Halliday e Hasan

(1976). Para esses autores, o termo ‘texto’ se refere a qualquer passagem falada ou escrita, em prosa ou em verso, formada de diálogos ou monólogos. Dessa maneira, distingue texto de um amontoado de palavras reunidas ao acaso, pois o texto é reconhecido como uma unidade significativa.

Nesse seu estudo, Ramos (1983) definiu dois tipos de repetições, são elas: i) as que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte e, ii) as que não contribuem para esse fim. Para a autora, o estudo da função comunicacional das repetições é uma etapa inicial na descrição dos recursos utilizados para estruturar o texto falado. De acordo com Ramos (1983), além do meio de veiculação do texto ou da informação textual, os sons vocálicos e sinais gráficos distinguem textos orais dos escritos, funcionando como pistas na prosódia, feito natural do falante.

Para a autora, a repetição tem uma função comunicativa cujo propósito é tornar o enunciado mais acessível, ou seja, mais fácil para o ouvinte. A sua presença não é relacionada a nenhuma língua especificamente, mas, sim, ao processo de interação linguística.

Conforme Ramos (1983), a correlação entre repetições de um lado e do outro, reconstituição de estruturas mais acessíveis aos mecanismos de processamento, por parte do ouvinte, fornece elementos fundamentais para a compreensão dos fatores responsáveis pela chamada agramaticalidade de enunciados falados, ou seja, a presença das repetições favorece a compreensão para preencher lacunas. Para a autora, a interpretação do fenômeno repetição a partir da perspectiva do ouvinte, levando em conta as limitações, permite identificar diversas funções da repetição, sendo a de reconstituir estruturas apenas uma delas.

Por fim, Ramos define repetição como “a ocorrência do mesmo conjunto de palavras, duas ou mais vezes, recebendo a mesma interpretação semântica” (RAMOS, 1983, p. 52). Entende-se ‘conjunto de palavras’ a ocorrência de uma ou mais palavras, constituindo um sintagma completo ou incompleto. Para a autora, palavras gramaticais (artigos, preposições, conjunções etc.) e marcadores conversacionais (sabe, então, né, entendeu etc.) não serão considerados repetições, exceto quando estiverem contíguos (entendeu entendeu entendeu).

Ramos define dois tipos de repetição i) Repetição distribuidora; e ii) Repetição de reforço. A primeira, repetição distribuidora, tem como função “explicar o tópico da nova sequência e assegurar a coesão das sequências do discurso” (RAMOS, 1983, p. 85). Segue, abaixo, uma amostra da repetição distribuidora apresentado por Ramos (1983).

(83)¹⁴ homem assim tem muito mais chance//depende da aparência//aparência acho que leva muito em conta (RAMOS,1983, 85)

A respeito desse exemplo Ramos (1983) afirma que:

a segunda ocorrência do item aparência marca o início de uma nova sequência da qual é o tópico. A identidade formal e semântica das duas ocorrências deste item assegura a coesão entre a nova sequência e a anterior [...] contribuindo para a identificação do item sobre o qual se fará a seguir um comentário”(RAMOS, 1983, p. 85).

O segundo tipo de repetição: a de reforço, tem como função enfatizar elementos da sentença, como mostramos no exemplo a seguir também dado pela autora.

(54) deve ser por causa da colonização europeia lá// deve ser

A repetição do falante em “deve ser” atua como um enfatizador em que a intenção do falante de realçar este aspecto se apresenta pela intonação (RAMOS, 1983, p. 96). Para a autora, o papel fundamental da repetição reforço é minimizar os efeitos da limitação de desempenho do ouvinte, como a falta de atenção, por exemplo.

Outra autora que se interessou pelos estudos da repetição foi Bessa Neto (1991). Essa autora fez um estudo mais sistemático das repetições nas narrativas faladas e escritas, atuando na repetição lexical, analisando textos orais e escritos. Deste seu estudo, a autora evidenciou que a repetição é mais frequente na oralidade do que em textos escritos. No texto oral as repetições foram evidentes em casos em que aparecem para criar significação, para atender as especificidades de sua produção, para conectar uma-a-uma, para conectar diferentes segmentos e para indicar o tema de que se trata. O trabalho de Bessa Neto aproxima-se muito do trabalho desenvolvido por Marcuschi (1992). Conforme Bessa Neto (1991), algumas funções da repetição são mais frequentes que outras, sendo que certas funções são exercidas por um tipo de repetição e não por outra.

Em 1992, Marcuschi mostra que a repetição é uma característica da língua falada. De acordo com o linguísta, “a repetição é, certamente, um dos mecanismos mais salientes na produção, condução e compreensão do texto dialogado” (MARCUSCHI, 1992, p.1). Marcuschi (1992) justifica essa afirmação ao mencionar que a eliminação das repetições, em alguns casos, pode acarretar textos incompreensíveis e, além disso, acaba diminuindo o entrosamento interpessoal.

¹⁴ Número do excerto apresentado pela autora na sua dissertação.

Em seu trabalho sobre formas e funções da repetição, Marcuschi (1992) se propôs a estudar as tipologias da repetição, buscando esclarecer quais são os tipos de repetição e quais são as mais recorrentes, buscando, também, elencar as suas características para identificação e relacionar as formas e funções.

Nesse estudo, o linguísta defende que a repetição é a “produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (MARCUSCHI, 1992, p. 31). Para essa definição, o autor teve como base empírica a conversação, porém, não exclui outras situações enunciativas, como por exemplo, o monólogo e a modalidade escrita que sofre algumas modificações. Essa definição se diferencia da de Ramos(1983) por acrescentar os termos idênticos e semelhante. Marcuschi esclarece a diferença, argumentando que entende-se por idêntico uma repetição em que o segmento repetido é realizado sem variação em relação a sua primeira entrada, a matriz; e por semelhante, uma repetição com alteração dentro do mesmo segmento discursivo. Deste último, compreende qualquer produção linguística de um texto oral, seja ele um segmento fonológico, como um som ou uma sílaba, uma unidade lexical, uma oração ou mesmo uma estrutura sintática.

Segundo o mesmo autor, a repetição não pode ser vista como um mero ato metalinguístico, pois ela expressa algo novo, por tanto “repetir as mesmas palavras num mesmo evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa” (MARCUSCHI, 1992, p. 32). Por essa ótica, a repetição não é tida como um mecanismo de espelhamento automático.

Dessa maneira, podemos dizer que a repetição é, assim como a hesitação, a correção, a paráfrase e marcadores conversacionais, uma característica da construção textual da fala. A retórica soube discernir, como apresenta Marcuschi (1992), uma grande quantidade de repetições, definindo as suas estruturas e realizações típicas, tais como: a anadiplose, símploce, diácope, epanástrofe, epanalepse, aliteração, anáfora e outras, geralmente, com vistas em contextos literários e classificados como figuras de linguagem. Essas repetições são realizadas com a mesma estrutura e recursos similares presente na fala cotidiana

Outro aspecto importante apresentado pelo autor em relação à língua falada e as repetições é que na fala as repetições apresentam-se com características típicas de um planejamento *ad hoc*¹⁵. Para Marcuschi (2006), na fala, as repetições apresentam-se com características de um planejamento *on line*, ou seja, o discurso se constrói no decorrer da interação, traçando características de um texto não planejado. Nesse caso, nada se apaga, fazendo parte do processo formulativo. Segundo o autor, a repetição pode ocorrer nas auto-

¹⁵ Palavra latina que significa fim específico.

repetições, em que o falante repete a sua própria fala e, nas heterorepetições, elaboradas pelo interlocutor. A presença da repetição no texto falado é alta. Ao contrário da escrita, em que com a revisão textual, ocorrem apagamentos sucessivos, evitando, assim, as redundâncias e obtendo uma versão final. A marca da repetição na fala resulta em um texto menos denso e com maior envolvimento interpessoal, tornando a repetição essencial nos processos de textualização na língua falada.

Devido à grande presença das repetições na linguagem oral, Marcuschi (1992) adverte que a presença da repetição natural do falante não se trata de um problema de acesso limitado ao acervo lexical disponível na memória, mas de marcação rítmica, dentre outras coisas. Para Marcuschi (1992), é comum um falante se repetir com certa frequência ou que repita o outro, mostrando que há uma reciprocidade entre os interlocutores. Ressalta, ainda, que definir o que é ou não uma repetição não é tarefa fácil, devido a grande quantidade de formas apresentadas na língua falada.

Para Marcuschi (1992), a repetição é tão característica da fala que, por ela, os estudiosos da literatura grega, mais especificamente de obras como a Odiséia e a Ilíada, descobriram que Homero reproduzira a própria tradição oral. O autor observa, também, que a maioria dos autores da linguística, até a presente data de seu trabalho, aponta a repetição como um dos recursos importantes para a coesão textual. Isso se dá devido à preferência de se ocupar com produções escritas.

Em 2001, Lagrotta estuda a repetição na linguagem de idosos, apresentando a repetição como estratégia textual discursiva da interação. Segundo a autora, a repetição na fala de idosos não é diferente da ocorrência na fala de adultos, jovens e crianças, contribuindo para a compreensão tanto do falante quanto do ouvinte.

Dos Santos (2015) defende que a repetição funciona como uma “peça-chave”, facilitando, assim, a interação textual dos falantes.

Dito isso, verificamos, pelos diversos autores aqui abordados, que a repetição de itens lexicais é muito recorrente na fala de qualquer indivíduo e que a sua função recorre a vários papéis, sendo, o principal deles o de manter a coesão na interatividade, facilitando assim a atividade do ouvinte de compreender o que a ele está sendo dito ou mesmo para o próprio falante.

Sendo um feito linguístico frequentemente utilizado pelos usuários de uma língua veremos a seguir como a repetição se apresenta em contextos patológicos de linguagem.

4.3 A repetição em patologias de linguagem

Sabe-se, então, que a repetição é um fenômeno linguístico que ocorre tanto na linguagem de pessoas que não passaram por episódio neurológico que não afetou a linguagem quanto em pessoas em condições contrárias. Algumas repetições, nesse contexto, são automatizadas¹⁶, ou seja, a sua produção ocorre independente da interação do sujeito, sendo, portanto, involuntário e sem carga semântica.

De acordo com Lima (2010), o termo repetição é tomado por Helm-Estabrooks (1995) como “perseveração”. A perseveração é, segundo Neisser (1895), uma repetição interativa ou a continuação de uma resposta anterior, após a mudança de turno.

A repetição no contexto das patologias de linguagem está relacionada a dificuldades de encontrar palavras, ao acesso ou processamento lexical, a questões de memória ou fonoarticulatórias. Assim, a repetição é produzida mais lenta ou rapidamente, integrando a semiologia das afasias. A repetição está associada a problemas de linguagem, como a perseveração.

Lima (2010) traça historicamente um estudo sobre a repetição na linguagem patológica. Segundo Lima (2004), de acordo com seu estudo sobre a perseveração, este tema foi abordado pela psiquiatria e psicologia categorizando a repetição em casos de psicose e afasia. Nessa época, os primeiros estudos sobre a perseveração eram caracterizados com diferentes formas de comportamento.

A repetição na linguagem é estudada desde Aristóteles (século IV a. C.). Nessa época o fenômeno repetição era associado à perseveração que era vista como uma função de temperamento e das emoções que afetava, simultaneamente, todos os processos mentais do sujeito (LIMA, 2010).

Segundo os estudos de Lima (2004) sobre a perseveração, a concepção de perseveração, na primeira metade do século passado, estava relacionado a processos que implicava as questões sensoriais concebidas como pensamento, atividade psicomotora e motricidade. Dessa maneira, a perseveração era interpretada como uma alteração no Sistema Nervoso que ocorria em determinados sujeitos, afetando, assim, as atividades desenvolvidas pelo sujeito como um todo.

Ainda de acordo com Lima (2010), Luria foi um dos nomes que se propôs a estudar alguns casos de perseveração, tendo suas afirmações como aquelas que foram mais relevantes

¹⁶ Segundo Viscardi (2005), o automatismo é definido como a emissão repetitiva do mesmo segmento linguístico (podendo ser uma sílaba, uma palavra ou uma sentença), a sua ocorrência é tida como não contextualizada, de caráter automático e constante na fala.

para a literatura. Para Lúria, um acometimento cerebral focal poderia comprometer a atividade psicomotora do sujeito, conduzindo-o a uma inércia. Para este autor, a inércia por ele mencionada refere-se a um estado de permanência do estado mental ligado a atividade psicomotora.

Lúria observa que a inércia envolve dois fatores relacionados ao sistema cerebral diferente. O primeiro é a *perseveração motora*, que equivale à repetição de movimento que tenha sido iniciado. Nesse caso, a intenção é inalterada, ou seja, o programa de ação é preservado. No entanto, executar o movimento requerido não é possível devido a inércia patológica. O segundo tipo, trata-se da inércia patológica de um programa de ação. Nesse caso, o paciente ao realizar uma proposta fica incapaz de mudar para outra em razão da inércia que engloba o programa de ação. Nesse caso, o sujeito continua a realizar uma ação dita anteriormente (LIMA, 2010).

Pela ótica da neuropsicologia, a perseveração do programa de ação é proveniente de lesões bilaterais das regiões pré-frontais, ou seja, o córtex de associação presente na unidade III. Para Lúria, na perseveração há um comprometimento geral dos mecanismos que controlam a ação.

Para Allison (1966), apud Lima (2010), a questão fundamental na ocorrência da perseveração é que ela se manifesta tanto em pessoas normais quanto em pessoas que tiveram um comprometimento cerebral. Nesse último caso, a repetição se dá em lesões difusas. Entretanto, percebemos que as repetições também ocorrem na linguagem com lesão focal. Em indivíduos tidos como “normais” a perseveração é maior na infância e vai diminuindo ao longo do seu desenvolvimento, chegando ao limite na fala adulta.

Lima (2010) menciona, que para Helmick e Berg (1976), a perseveração também se manifesta em pacientes com distúrbios neurológicos de fala e de linguagem. Para esses autores, a perseveração é a continuação de uma resposta iniciada ou a recorrência à resposta prévia e classificam dois tipos de perseveração, a saber: a repetitiva e a contínua. Na primeira a repetição se manifesta após a interrupção por algum evento. A seguir, exemplificamos a perseveração repetitiva, segundo o próprio autor. No entanto, contextualizamos que, para tal teste: foram apresentados a um paciente sete objetos comuns: caneta, relógio, xícara, pente, sino, colher e chave. Na sequência, houve este diálogo entre o examinador e o sujeito (E e S, respectivamente), na qual este último somente repete a resposta já dada:

E: O que é isto? (segurando uma xícara)

S: É uma caneta.

S: Caneta?

E: O que você faz com isso?
S: Você escreve com escreve.
S: Caneta.

Já a perseveração contínua, baseia-se nas respostas dadas sem nenhuma interferência e que sofrem repetição, tal como no exemplo apresentado, a seguir, pelo próprio autor, examinador (E) e paciente (S):¹⁷

E: Para que serve isso?
S: É um relógio, relógio, relógio.

Nesses dois exemplos, verificamos que, na perseveração repetitiva, a repetição da palavra “caneta” interrompe a resposta anterior quando S diz que “escreve”. Já na perseveração contínua, a palavra “relógio” é repetida quase que de forma automática e sem interferência do examinador. No entanto, no exemplo de repetição contínua, percebemos a semelhança com as repetições proferidas por **MM**.

Segundo Lima (2010), ainda seguindo a linha de raciocínio desses autores, os seus estudos apontam que a perseveração repetitiva, quando há a intervenção de algum evento, ocorre tanto em pessoas “normais” quanto em pessoas que tenham o cérebro lesado. Já a perseveração contínua, sem interferência, ocorre somente em pessoas com cérebro lesado. Seus dados apontam que a perseveração ocorre em sujeitos que apresentam à apraxia e à disartria.

De tudo já dito, percebemos que a repetição é vista e estudada de maneira rasa com testes padrão que podem falhar e que não contemplam o funcionamento da linguagem do ponto de vista linguístico.

Santo Pietro e Rigrodsky (1986), apud Lima (2010), afirmam que a perseveração na afasia obtém poucos estudos empíricos sobre o assunto. Lima (2010), em sua tese de doutorado, e com base em Geraldi (1991), propôs que a perseveração fosse estudada em contexto em que a linguagem estivesse em contexto espontâneo e não em testes padrão, como tem sido, para isso baseou-se em uma visão interacionista do fenômeno, privilegiando a interlocução com um espaço produtor de linguagem e constitutivo do sujeito.

Dessa maneira, a perseveração é contemplada, na interlocução, pela atitude do falante que é marcada pelo contexto intersubjetivo e social de produção de linguagem. Por esse

¹⁷ Ambos os exemplos foram extraídos do capítulo “*A questão da perseveração na afasia*” de Sílvia Saraiva Pereira Lima como parte integrante do livro *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas* (2010) sob a organização de Edwiges Maria Morato.

sentido, a autora assinala que a questão da perseveração pode ser vista como uma resposta constitutiva e integrante da atividade da linguagem.

Nessa perspectiva, Lima (2010) afirma que embora a perseveração assemelha-se a processos normais, é mais recorrente em testes metalinguísticos que são descontextualizados, concebendo-a como um subproduto do próprio método empregado no estudo.

Na linguagem afásica, as repetições provêm de naturezas diferentes e com características neurolinguísticas que se associam às dificuldades de selecionar palavras, aos problemas de processamento e de ordem mnésica¹⁸ ou fonoarticulatória. São vários os fenômenos linguísticos que se constituem de elementos repetidos, a perseveração¹⁹, a estereotipia²⁰, o circunlóquio²¹, a ecolalia²² e a palilalia²³ são alguns exemplos que marcam essa alteração linguística.

Dentro das patologias de linguagem um estudo sobre as repetições foi desenvolvido no trabalho de Tagliaferre (2008, 2015) Baseando-se nos trabalhos de Marcuschi (1992), Tagliaferre (2008) desenvolveu o seu trabalho sobre repetições nas afasias. Para seu estudo, a autora analisa as repetições na produção oral de dois sujeitos com afasia, sendo uma afasia fluente e o outro não fluente.

Para a mesma autora, a repetição na linguagem de afásicos não é somente uma estratégia comunicativa utilizada para se fazer compreender ou ser compreendido, mas também que se trata de um mecanismo muito mais complexo que contribui sobremaneira para o processamento do texto falado. Dessa maneira, a repetição age atuando como fator de interação e de sócio-cognição. A seguir, expomos quatro fragmentos extraídos da dissertação de Tagliaferre mostrando como o fenômeno da repetição se configura na linguagem de dois sujeitos afásicos por ela analisados. O primeiro fragmento mostra um afásico, NS, reconstruindo a estrutura do enunciado. Vejamos:

EM: que também acontece né? Num cntexto não consigo me expressar porque a pessoa fala o tempo todo e a pessoa interrompe o tempo todo a gente pode tentar por exemplo a gente pode tentar a se recolher como o senhor falou ou pode como ET falou batalhar ... no fundo no fundo a comunicação é a disputa enorme como a gente fala em linguística pela posse do turno pela posse da palavra.

¹⁸ Prática que facilita as operações da memória.

¹⁹ Neisser(1895) apud Tagliaferre(2008) define perseveração como repetição interativa ou a continuação de uma resposta anterior após a mudança de turno.

²⁰ Lebrum (1983) apud Tagliaferre (2008) define estereotipia como uma fixação de uma fórmula invariável de atitudes, gestos, atos ou expressões verbais prolongadas e repetidas incessantemente.

²¹ O circunlóquio é o uso excessivo de uma palavra para exprimir uma ideia.

²² Saad e Godfeld (2009) consideram como repetição de itens lexicais de turno anterior.

²³ Gritchley (1927) se refere a palilalia como as repetições de itens lexicais de turno anterior proferidos pelo próprio orador.

JM: [exatamente ... exatamente
 EM: [pela disputa os homens falam mais que as mulheres pegam [mais a palavra
NS: [não lá em casa
 EM: pela disputa os homens falam mais que as mulheres pegam mais palavra
NS: não lá em casa
EM: é?
NS: lá em casa não ... o R calmo calmo calmo calmo
 (TAGLIAFERRE, 2008, P. 58)

Nesse episódio descrito acima, vemos que a repetição de NS trata-se de uma reconstituição sintática para explicar a EM que na casa dela ocorre o contrário, ou seja, as mulheres falam mais do que os homens. Conforme Marcuschi (1992, p. 22), “ uma das maneiras de formular é reformular”, como vemos no caso acima. Neste fragmento, ocorre uma auto-repetição oracional, com variação, no interturno, exercendo uma função de reconstituição de estrutura quando NS coloca a negação no final do enunciado.

Abaixo, temos o segundo fragmento NS fazendo uma compreensão intensificativa.

HM: então não o seu JM perguntou porque que o MS usa a palavra maravilha muito porque que ele fala muito ele perguntou se antes da afasia ele também falava muito maravilha
 EM: falava? ... o Serra você falava a palavra maravilha?
 MS: nada
 EM: falava a palavra? ((se dirigindo a MS))
 JM: não antes antes antes
NS: falava antes antes antes
 MS: não
 (TAGLIAFERRE, 2008, P. 70)

No fragmento acima, vemos as participantes HM e EM, não afásicas, bem como NS, MS e JM, afásicos, discutindo com MS se ele já falava a palavra maravilha antes da afasia. De acordo com a análise e baseando na definição de Marcuschi (1992), segundo o qual este tipo de repetição ocorre quando uma série de ações diversas está sendo referida pelo mesmo elemento genérico, podemos ver a utilização da palavra **antes**, referindo a contextos diferentes. No exemplo acima, a palavra **antes, antes, antes**, refere-se cada uma a um tempo específico, anterior ao AVC. Neste caso, temos uma repetição lexical, heterorrepetição, literal com a função de intensificação.

A seguir, mostramos outro exemplo da repetição na linguagem afásica em que o sujeito afásico desenvolve uma autorrepetição morfológica, literal, no intraturno com a função de facilitar a compreensão e reforçar. Vejamos:

RN: no rio? Ou não ? foi pra praia mesmo dessa vez?

SI: praia e depois é::
 MS: Ubatuba
 SI: não (risos)
 IP: eu ia falar Ubatuba mas ... Rio de Janeiro?
SI: não não não
 (TAGLIAFERRE, 2008, P. 74)

No exemplo acima, temos a participante RN, não afásica, e os integrantes afásicos, SI, MS e IP, que estão discutindo para onde SI foi depois de ir à praia, tentando adivinhar o local mencionam **rio** e **Ubatuba**, no entanto, SI, reforçando diz **não não não**. Assim, vemos que SI repete várias vezes o segmento morfológico **não** enfatizando a ideia de que não foi para os lugares mencionados.

No último exemplo, abaixo, temos SI fazendo uma repetição com a função de contestação, apresentando uma autorrepetição morfológica, literal, no interturno para esclarecimento.

HM: cinquenta anos a senhora fez?
 SI: **não não**
 IP: não pode
 HM: Bodas de ouro?
 IP: não
SI: não não
 JC: paraí quem então?
 HM: quem que fez cinquenta anos de casada?
 SI: é eu ...
 HM: quando?
 SI: é ... é qua quarenta e três ...
 (TAGLIAFERRE, 2008, p. 81-82)

Neste exemplo acima, temos as participantes do diálogo perguntando sobre a Bodas de ouro de alguém. SI diz que **não não** por duas vezes para dizer que não fez bodas de ouro e esclarece que fez quarenta e três.

Observando os quatro exemplos dados por Tagliaferre, verificamos que os sujeitos afásicos utilizam a repetição com as mesmas funções exercidas por pessoas com a linguagem dita não patológica.

A interpretação e análise de Tagliaferre sobre as repetições produzidas pelos sujeitos afásicos, sendo uma afasia de compreensão (Afasia de Wernick) e outra afasia de produção (Afasia de Broca), a autora observou que embora haja diferenças quantitativas e qualitativas entre os sujeitos, ambos contemplaram de maneira satisfatória as produções de repetição na

fala. Observou também que o sujeito com a afasia de Broca foi mais produtivo. Em ambos os sujeitos às repetições foram mais produtivas nas heterorrepetições²⁴.

De acordo com Tagliaferre (2008), os estudos mais tradicionais na afasiologia enfatizam que os sujeitos afásicos apresentariam dificuldades em lidar com situações linguísticas mais complexas, ou seja, com os aspectos funcionais da linguagem. Entretanto, em seu estudo, foi observado que, em muitas situações interacionais, os sujeitos conseguiram lidar com as dificuldades linguísticas de maneira criativa ao se servirem de estratégias que contemplam as formas e funções da repetição dispostas na/para a conversação.

No decorrer da interação, segundo a autora, os sujeitos afásicos se valem das atividades epilinguísticas. Essa recorrência se dá devido ao valor reconstrutivo na busca de alternativas para resolverem as dificuldades encontradas durante a conversação. Essas atividades “se explicita[m] ao examinador nos silêncios, nas parafasias, nas contaminações, autocorrekções, e mesmo quando se expressa sua tensão e insegurança” (COUDRY, 2002, p.16). A atividade epilinguística permite aos afásicos operar com e sobre a linguagem. Nesse sentido, as repetições atuam na fala dos afásicos como uma maneira de cobrir lapsos ou para preencher lacunas que geralmente ocorrem na sua fala.

Tagliaferre (2008) ressalta as diferenças qualitativas e quantitativas do sujeito que pesquisou e detectou que o sujeito com a afasia de Wernick produziu menos repetições. Para essa diferença a autora defende que não se trata de uma afasia ser fluente e a outra não-fluente, mas, sim, da maneira como cada um se porta em meio à interação.

Como o trabalho foi baseado em Marcuschi (1992), a autora diz que a maior semelhança entre as repetições produzidas entre afásicos e não afásicos se dá nas repetições próximas, que aparecem como características do texto falado, diferenciando apenas que entre não afásicos a repetição é produzida nas autorrepetições. Talvez essa diferença seja em virtude dos *corpus* textuais-interativos apresentadas em seu trabalho.

De acordo com Tagliaferre (2015), pode se dizer que as repetições operam no nível discursivo e também atuam com pressões sobre a organização sintática, atingindo de algum modo a forma das sentenças e a organização hierárquica dos constituintes. Dessa maneira, as repetições operam, tanto em sentenças, quanto em formas suprassentenciais.

Poderíamos, assim, dizer que a repetição tem naturezas diferentes e que embora seja um fenômeno que marca uma fala estereotipada, a sua ocorrência não é tão limitada, pois trata-se de um fenômeno muito recorrente na linguagem oral que envolve a colaboração dos participantes do diálogo.

²⁴ Os exemplos retirados de Tagliaferre (2008) mostram uma produção maior na autorepetição por uma escolha nossa, por assemelhar com a fala do sujeito desta dissertação.

A seguir, abordaremos sobre a palilalia que pode ocorrer na afasia, na disartria, na síndrome de Tourette, na doença de Parkinson, em transtornos do comportamento, em transtornos emocionais e que percebemos em **MM**.

4.4 Palilalia: um caso de repetição

A palilalia é uma alteração de linguagem caracterizada por uma fala estereotipada marcada por repetições. A palilalia é uma palavra de origem grega *παλιν* (*palin*) que significa novamente e *λαλία* (*lalia*) que significa fala, ou seja, aquele que fala novamente.

A palilalia foi descrita primeiramente por Ranzi em 1879. Brissaud pelo parentesco da palilalia com a ecolalia chamou primeiramente de autoecolalia. Mas foi em 1908 que Souques conferiu o nome de palilalia para caracterizar uma desordem de linguagem por uma repetição compulsiva de frases ou palavras que o paciente repete com um crescimento rápido e com um volume decrescente. Segundo Lebrun (1983) quando os últimos sons são decrescentes ou quase murmurados temos, então, uma palilalia áfona.

De acordo com Lemos (1992), na fala, a palilalia é um fenômeno menos frequente. Segundo a autora, a palilalia consiste numa repetição involuntária, espontânea e perfeitamente consciente. No caso de **MM**, verificamos que há uma anosognosia²⁵, ou seja ela não percebe que repete. A taquifemia (aceleração na produção de palavras) e a palilalia seguem um curso paralelo, ou seja, apresentam-se juntas. Lemos (1992) adverte que a palilalia não é uma característica apenas de enfermos parkinsonianos como postulam artigos no campo da medicina, mas também dos pseudobulbares. Essas alterações aparecem tanto na fala espontânea como na leitura orientada.

Nas palavras da autora,

No ato de ler, esses transtornos não aparecem tão rapidamente e, geralmente no início, a leitura é correta. Porém, eles surgem quando ele fala frases grandes ou vai dar respostas que exigem uma certa reflexão. A rapidez não é voluntária e **o paciente não consegue controlar a emissão** (LEMOS, 1992, p. 37) (ênfase nossa).

Mesmo no início do século e com tão pouca tecnologia Critchley (1927) afirmava que essa alteração linguística pode decorrer de duas maneiras, a saber: Parkinson e Acidentes Vasculares Cerebrais. E define a palilalia como:

²⁵ Anosognosia é um estado neurológico caracterizado pela incapacidade de uma pessoa estar consciente da sua própria doença. A anosognosia foi descrita pela primeira vez por Joseph Babinski, em 1914 ao referir-se à inconsciência de uma hemiplegia.

Involuntary repetition two or more times a word, phrase or sentence just uttered. It occurs equally during spontaneous speech and in replay to question [...] Palilalia may be constant in appearance, but frequently it varies in intensity from time to time (CRITCHLEY, 1927, p. 26)²⁶

Depreendemos que a palilalia corresponde às repetições das últimas palavras proferidas pela mesma pessoa podendo ser palavras, frases ou sentenças e que a sua ocorrência se dá na fala espontânea e nas retomadas de perguntas. Além disso, oscila na variação de intensidade a cada nova repetição, apresentando-se de maneira decrescente.

Quando se fala de *replay question*²⁷, mencionada por Critchley (1908), é notória a semelhança da repetição nos estudos apresentados por Marcuschi (1992) uma vez que a repetição exerce o papel de conduzir a argumentação, principalmente, em estruturas oracionais estabelecendo uma relação de contraste, afirmação e contestação de argumentos. Entretanto, não encontramos essas funções na palilalia.

A palilalia é um transtorno de linguagem que está associada à doença de Parkinson, síndrome de Tourette e acidentes vasculares cerebrais. Como já informamos, Landi *et. al.*(2012) afirmam que a palilalia tem sido descrita em várias desordens neurológicas, tais como acidentes cerebrais, doenças degenerativas e síndromes de tiques.

Cho; Han; Song; Lee; Heo (2009) postulam que a palilalia é uma reinteração espontânea do discurso reconhecido como um tipo de perseveração motora envolvendo os mecanismos do discurso, frequentemente ocorrendo em estereotípias prosódicas, tais como: índice de aceleração, *pitch* elevado ou volume decrescente (palilalia áfona) considerando como uma repetição involuntária de outras expressões vocais.

Do ponto de vista linguístico, a palilalia pode causar um desconforto prosódico para o ouvinte uma vez que essa repetição involuntária causa um estranhamento para aqueles que não estão acostumados. Ressaltamos que embora a palilalia fuja aos padrões da língua o seu conteúdo principal da mensagem não é afetada.

Neste trabalho, especificamente, a repetição é estudada no funcionamento da linguagem com patologia decorrente da ruptura de um aneurisma cerebral. Neste caso, embora a repetição apresente-se de maneira idêntica sua ocorrência leva em conta o automatismo assemelhando ao espelhamento, diferentemente no caso de linguagem típica. No tocante à intenção principal deste trabalho, verificaremos o que é repetido na linguagem de **MM.**

²⁶ Repetição involuntária de duas ou mais palavra, frase ou sentença proferida. Sua ocorrência equivale durante o discurso espontâneo e em resposta vindas de perguntas [...] A Palilalia pode ser constante no seu aparecimento, mas, frequentemente, varia de intensidade de tempo em tempo.(tradução nossa).

²⁷ O *replay question* é uma expressão americana adotada para indicar retomadas de questões anteriores.

5 ASPECTOS METODOLÓGICO

5.1 Metodologia

A presente dissertação é o resultado de uma pesquisa que compõe o projeto matriz intitulado *Funcionamento da linguagem nas afasias e neurodegenerescências* que se encontra vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) na linha de *Aquisição e Patologias de Linguagem* e consiste num estudo longitudinal com o sujeito MM, que teve início em abril de 2012, quando o sujeito em questão passou a ser membro integrante do Espaço de Convivência de Afásicos e Não Afásicos (Ecoa). Este espaço é parte integrante do Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia. Além disso, o ECOA deve ser visto e compreendido como *uma comunidade de fala* tal como em (SAMPAIO, 2006), pois é composto por sujeitos que passaram por algum episódio neurológico, pelo líder/coordenador do grupo e pelos pesquisadores: alunos de graduação (dos cursos de Letras Vernáculas e Modernas, Pedagogia e Psicologia) e do mestrado (Linguística), sendo, também, um lugar onde se desenvolve os estudos neurolinguísticos, visando investigar, descrever e analisar o funcionamento da linguagem em cérebros-lesados que apresentam alterações na linguagem com natureza em diversas patologias de linguagem.

Para a realização da presente pesquisa, o sujeito leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo (1). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB que foi aprovado com o registro 51259115.3.0000.0055.

Nessa pesquisa, a metodologia utilizada foi de acordo com a abordagem qualitativa, valorizando a indissociável relação do mundo e a subjetividade ao redor de cujo sujeito traçaremos um estudo da repetição de **MM** na fala espontânea, na leitura e escrita. Aqui, o caráter interpretativo e significativo se deu por meio do vínculo estabelecido entre investigador e sujeito, para, posteriormente, investigar, analisar e descrever. De acordo com Minayo & Sanches (1993) um verdadeiro modelo qualitativo descreve, compreende e explica. Dessa maneira, em relação ao número de repetições apresentadas Minayo & Sanches (1993) defendem que:

[...] a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um *continuum*, ela não pode ser pensada como a

posição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” aprofundadas em seus significados mais essenciais (MINAYO & SANCHES, 1993, p. 247).

Dessa maneira, vimos, então, que tanto o quantitativo gera questões qualitativas quanto ao seu inverso em que questões qualitativas tendem a certo grau quantitativo, pois ambos são examinados em contextos de linguagem.

Assim, traçamos as estratégias baseadas na Neurolinguística Discursiva, baseando-se em que “os dados de linguagem produzidos em meio à visão discursiva [...] dão visibilidade ao que se apresenta como *processos alternativos de significação*” (COUDRY, 2008, p. 9). Essa formulação teórica-metodológica tem se mostrado produtiva quando a linguagem se apresenta em várias de suas faces, modificadas pela patologia de linguagem. Pois o sujeito com patologias, conforme Franchi (1977), trabalha linguisticamente para produzir significações o mesmo ocorre com quem não tem uma afecção de linguagem.

A metodologia em que nos valemos parte do conceito do dado-achado, explorando a linguagem falada de um sujeito cérebro-lesado. Sobre a metodologia adotada, Coudry (2008) afirma que:

A metodologia [...] dá visibilidade à relação recíproca entre teoria e dado, e justifica a pesquisa que concebe sua própria dinâmica mediada pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito, ambos imersos em práticas significativas/discursivas ancoradas e coordenadas ântropo-culturais que determinam o que pode ser dito/feito/mostrado e o que não se pode dizer/fazer/mostrar (FOUCAULT, 1969, apud COUDRY, 2008, p.17).

Pois é baseando em uma visão sócio-histórica que vemos a linguagem como o lugar da interação humana, de trabalho e de atividades constitutivas de subjetividade, alteridade e de si própria como objeto de reflexão. Dessa maneira se é estudado o funcionamento da linguagem em patologias de linguagem e, especificamente neste caso, na linguagem de **MM**.

Sendo aceita, **MM** passou a frequentar o Ecoa provendo o convívio com pessoas que tenham passado ou não por tal situação ou que tenham alguma semelhança. Para tanto, inicialmente, foram realizadas perguntas sobre o episódio neurológico que acometeu **MM**, bem como sobre o cotidiano de **MM** antes e depois desse episódio que se apresentou na companhia do esposo e da irmã. A entrevista foi realizada pela líder do projeto matriz Professora Dr^a Nirvana Ferraz Santos Sampaio e em minha companhia.

Para que o trabalho fosse realizado, foi necessário um levantamento bibliográfico sobre o assunto em questão, singularidades da linguagem de **MM**, tanto no intraturno quanto

no intertérno, com a finalidade de sustentar a presente pesquisa. Todo o embasamento teórico se desenvolveu por leituras e escritos decorrentes de várias leituras fundamentadas na Neuropsicologia de Lúria (1981; 1997), Freud (1977; 2013), Coudry (2001, 2008, 2010), postulados da Neurolinguística Discursiva e demais literaturas sobre o assunto que enriquecem e amparam este estudo.

5.2 Histórico de MM

Conforme relatório médico que consta no banco de dados do LAPEN/UESB, o sujeito **MM** foi admitido, em 03/05/2011, no IBR, Instituto Brandão de Reabilitação, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, apresentando cefaleia intensa, síncope e movimentos tônico-clônico. Após uma tomografia computadorizada sem contraste foi detectada no território cerebral médio a esquerda uma hemorragia subaracnóide. **MM**, foi preparada para a cirurgia em 04/05/2011, mas só realizou tais procedimentos em 05/05/2011. Nesse intervalo de 24 horas, **MM** teve um pico de pressão que, segundo o neurologista, pode ter afetado a região onde o aneurisma se rompeu, sendo essa a explicação para as sequelas. Após evidenciar uma ruptura de um aneurisma na bifurcação da carótica interna esquerda, uma drenagem e, em seguida, uma cirurgia para clipagem foram realizadas.

Na data do aneurisma, **MM** contava com 45 anos e 9 meses de idade, exercia a função de professora para deficientes visuais, tem o curso de ensino superior completo e estava concluindo uma especialização em necessidades especiais na educação, bem como o curso de Braille e era destra. No dia anterior ao episódio, **MM** estava escrevendo a sua monografia da especialização quando começou a sentir dores de cabeça. A cefaleia ocorreu no seu ambiente de trabalho e foi socorrida pelos próprios colegas.

Antes do episódio neurológico, **MM** mantinha uma excelente relação com a família, sendo uma líder de família. Casada, expressava ciúmes do esposo. Em relação às amigas, poucas conservaram depois do casamento que ocorreu dois anos e meio antes deste quadro. Apresentava um perfil de pessoa calma, tranquila e sociável, sendo de fácil convivência e não gostava de ouvir reclamações sobre a vida. **MM** gostava de ler, sua preferência estava voltada para a literatura brasileira, revistas e de assistir televisão (novelas e filmes). Gostava de viajar.

Durante o período de hospitalização, **MM** foi entubada e submetida a uma drenagem e clipagem após a ruptura do aneurisma. Devido ao estado de coma, foi submetida, também, a uma traqueostomia²⁸, dias após a cirurgia para clipagem.

A família só percebeu os primeiros sinais de mudanças na linguagem quarenta dias após o episódio, quando saiu da UTI. Após o aneurisma, e no retorno para casa, **MM** não andava e não falava. Nesse período foi assistida pelo *Home Care* local durante um ano do qual teve assistência da fisioterapeuta, nutricionista, enfermeira e fonoaudióloga. Desta, a atenção era voltada para a disfagia, uma dificuldade que a paciente tinha de deglutir alimentos, melhorando-a. Saliente, segundo relatório da fonoaudióloga, que nenhum trabalho com a linguagem foi realizado.

Do ponto de vista neurológico, **MM** apresentou como quadro sequelar significativos déficits cognitivos, principalmente, em testes sensíveis devido à disfunção no lobo temporal. Verificou-se uma deterioração da memória viso-espacial de curto e longo prazo. No que toca às funções executivas, **MM** apresentou déficit de atenção e dificuldades em atividades que pedem velocidade/agilidade.

Nos aspectos linguísticos, segundo relatório médico, **MM** apresentou deficiência na fluência verbal e semântica, tendo a compreensão alterada. Também foi apresentada a disnomia e a ecolalia, explicadas, provavelmente, pela lesão provocada pela ruptura do aneurisma, no lobo temporal esquerda média²⁹ (*sic*), cuja função está em receber e analisar as informações auditivas e em comprometer certas funções do hemisfério direito como ritmo, melodia, velocidade e o cerebelo com a coordenação motora.

Observando a linguagem de **MM** a partir dos preceitos de Luria (1981), podemos considerar que os “erros” e as “falhas” e/ou dificuldades apresentadas podem ter origem na disfunção de uma das unidades ou zonas, ocasionada após episódio neurológico.

Buscando relacionar a neuropsicologia luriana e o caso de **MM**, partimos da dificuldade de atenção, memória e repetições que o sujeito em questão normalmente apresenta, pois distrai-se facilmente, necessitando que a sua atenção seja retomada pelo outro. Além disso, **MM** não consegue inibir certos atos, como a fala impensada, permitindo que o outro assumira um lugar para que essa distração seja freada, por exemplo, quando vai falar e repete o final do enunciado ou o enunciado completo por ela proferido. Essas repetições mostram que **MM** não consegue inibir a ação repetitiva por um déficit não só de atenção e memória como também de motricidade, podendo estar relacionado com o lobo frontal.

²⁸ Traqueostomia intervenção cirúrgica que consiste na abertura de um orifício na traqueia e na colocação de uma cânula para a passagem de ar.

²⁹ O correto seria artéria cerebral média.

5.3 Método de Coleta de Dados

A prática metodológica que delineou esta pesquisa está em consonância com os pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva, constituindo-se num acompanhamento longitudinal que teve início em abril de 2012 e findou-se em dezembro de 2015. Nesses acompanhamentos eram exploradas as dificuldades linguístico-cognitivas tendo como base o diálogo, permitindo ao sujeito **MM** produção de sentidos envolvendo atividades verbais e não-verbais no uso de sua linguagem.

Assim, com o objetivo de interagir com **MM** foram realizadas sessões de acompanhamento semanalmente alternando ora em grupo, ora individual, durante as quais **MM** teve oportunidades de falar livremente, nas conversas informais durante esses momentos **MM** demonstrava muita admiração e respeito pelo seu esposo, pois falar sobre ele, era um dos seus assuntos preferido e, em outros momentos, cujo objetivo era monitorar a sua fala devido a presença constante de repetições desnecessárias em sua linguagem. Desses encontros, como observador participante, foi notória a maior frequência das repetições nas falas espontâneas de **MM**, demonstrando, assim, que as repetições têm caráter involuntário e automatizado.

Durante as sessões de acompanhamento com **MM** a duração era de uma hora para os atendimentos individuais e de uma hora e meia para as atividades em grupo em que **MM** participava de atividades coletivas envolvendo pessoas com alterações na fala devido a alguma patologia de linguagem, e também com pessoas em estado típico.

As atividades em sessões preconizavam a discursividade e subjetividade dos sujeitos com e sem patologia de linguagem. Nas sessões, foram selecionadas, sistematizadas e desenvolvidas atividades que promovessem não só a discursividade do sujeito, como também, a sua subjetividade, explorando, assim, a oralidade, a escrita e a leitura a partir dos mais diferentes e diversos gêneros textuais, a saber: fábulas, poesias, provérbios, músicas, reportagens, histórias em quadrinhos, piadas, citações famosas, folhetos, *slides* além de conversa informal preliminar às atividades. Ressaltamos que, o caráter dinâmico e variável das atividades para a construção das situações enunciativas sempre estão presentes no Ecoa

As gravações foram realizadas no Espaço de Convivência de afásicos e não afásicos (ECOIA). Para as gravações utilizamos um gravador SONY - *digital voiced record*- que, posteriormente, foram transferidas para o computador com vistas à análise auditiva para que, em seguida, realizássemos as transcrições.

As gravações foram submetidas às transcrições, cujo sistema de notação se encontra em anexo, as quais foram necessárias várias audições. Durante as audições, o investigador à

medida que ouvia, transcrevia as falas, seguindo uma fonte de símbolos elaborados pelas autoras. Em seguida, às transcrições foram submetidas às análises de dados.

As análises das transcrições foram desenvolvidas seguindo um processo criterioso, mantendo sempre o foco para o dado-achado para que então o investigador pudesse intervir, analisar, compreender e explicar o funcionamento da linguagem do sujeito **MM**. Dessa maneira, nos comprometemos em relacionar teoria e dado por meio das análises da coleta de dados.

Foi necessário o estabelecimento do tipo de corte dos dados para análise e apresentação. Entendemos que, para fechar a amostra, seria necessário estabelecer o conjunto de dados que respaldaria a análise e, posteriormente, a interpretação, através de uma empiria ancorada em conhecimento teórico, que considera a relação entre o objeto da pesquisa e o *corpus* a ser pesquisado.

Dessa forma, quando não há um fechamento por exaustão, torna-se necessário justificar o interrompimento da observação. Optamos pelo critério de saturação de Minayo (2006), para quem o interrompimento da coleta é definido quando o pesquisador percebe que novos elementos não são mais apreendidos naquele campo de observação, ou seja, há saturação quando o pesquisador verifica que elementos novos para subsidiar a pesquisa não são mais encontrados a partir do campo de observação. Assim, o critério de saturação atravessou diversas singularidades, principalmente, a nossa percepção em relação às repetições que ocorrem na fala de **MM**.

5.4 Método de Análise de Dados

Como os pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva são pautados na concepção de linguagem postulada por Franchi (1992[1977]) que concebe a linguagem como uma atividade constitutiva e indeterminada. Este trabalho preconizou o sujeito como um ser dialógico produtor de linguagem em situações de uso real da linguagem.

Nesse sentido, a análise de dados adotados nesta pesquisa segue aos mesmos pressupostos, levando em conta que linguagem, língua, discurso e mente são construtos humanos que se relacionam (Coudry, 2008, p. 16) e resultam das experiências vividas por cada sujeito dando ênfase as condições de produções.

Dito isso, adotamos como método para interpretar, descrever e analisar um fato como dado baseando-nos no conceito de dado-achado formulado por Coudry (1996). Para essa

autora, o dado-achado é “[...] produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento[...].” (COUDRY, 1996, p. 183).

Dessa maneira, os dados são vistos como pistas, detalhes que guardam a relação com o que o observador participante (investigador) se propõe a compreender do ponto de vista teórico. Assim, nos comprometemos em relacionar teoria e dado por meio das análises da coleta de dados.

De acordo com Pacheco (2016), a neurolinguística enunciativo-discursiva busca privilegiar a dimensão lógica e também relacionar interação, discurso e conhecimento (ROJO, 1997) em seus estudos microgenéticos ao demonstrar que, a partir de dados singulares, podemos inferir sobre o funcionamento na linguagem tanto na normalidade quanto nas patologias. Nesse sentido, a construção de dados por meio de audiogravação e transcrição dos episódios focaliza a atenção aos detalhes, um exame orientado para o funcionamento dos discursos, resultando num relato minucioso dos acontecimentos.

Ainda segundo Pacheco, nas transcrições o objetivo é a explicação dos fenômenos investigados em detrimento da simples descrição. A microgenese é proposta com vista aos demais domínios genéticos que focalizam o funcionamento linguístico-cognitivo dos sujeitos em todas as dimensões (biológicas, sociais e históricas).

Levando em consideração o uso da linguagem de **MM** “[...] assentamos as práticas discursivas [aqui analisadas] que fazem sentido para pessoas inseridas na sociedade em que vivemos, representada, de alguma forma, nas sessões coletivas e individuais, mediante sobretudo, o uso social da fala [...]” (COUDRY, 2008, p. 17). Dessa maneira, é em meio a práticas significativas *com e sobre* a linguagem que desenvolvemos as atividades aqui analisadas.

Conforme Coudry (2008) as atividades realizadas:

[baseiam-se] em uma visão sócio-histórica que aponta a linguagem como lugar de interação humana, trabalho e atividade constitutivos da subjetividade, alteridade e de si própria como objeto de reflexão. Do ponto de vista teórico, é nessa perspectiva que o funcionamento da linguagem, nessas patologias, é estudado (COUDRY, 2008, p. 17).

A seguir, expomos um recorte do trabalho realizado com **MM** de 2012 até 2015 no ECOA, lançando um olhar para a sua linguagem em funcionamento como algo que está em uma construção contínua, uma atividade que está em transformação a todo o instante por quem a utiliza e como um instrumento de (re)construção da própria linguagem. Além disso, mostramos como **MM** passa a refletir sobre e com a sua linguagem.

6 ANÁLISES DE DADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, trazemos uma amostra do trabalho que foi realizado com **MM**, durante o acompanhamento longitudinal, com o objetivo de analisar, descrever e monitorar as repetições proferidas pelo sujeito em questão. Nos recortes apresentados, os dados extraídos são das sessões realizadas no LAPEN/UESB.

Durante o acompanhamento com **MM** e diante das várias observações feitas nos encontros, verificamos que na fala de **MM** a repetição se dá por conta de uma alteração de linguagem, a qual seja: a palilalia, que se configura de várias maneiras no intraturno, embora em alguns momentos a repetição venha do interturno na forma de *replay question*, e apresenta diferentes tipos de repetição como de fonemas, sílabas, léxico e de enunciados complexo, como mostramos a seguir a partir de excertos da linguagem de **MM**.

- **Repetições de fonemas e de sílabas**

- (1) [...] Demorei um pouquinho **f f f. foi** a rua.(Sessão: 10/2012)
 (2) [...] Acordei?! Igual acordo **to, to, todo** os dia, assustada. Hoje meu corpo **t, t, tá to, todo** doendo. (Sessão: 31.07.2015).
 (3) [...] (Assim) hoje, há bom tempo, ontem **to, todos** os dias. Você fiquei sabendo que fiquei acamada, fiquei sabendo que estou acamada, fiquei, aí, eu acordo assustada. (Sessão:31.07.2015)

- **Repetição de léxico:**

- (4) Cheguei, **cheguei, cheguei.**(Sessão: 10/2012)
 (5) [...] Porque choveu, **choveu, choveu, choveu, choveu, choveu, choveu, choveu** na rua lá de casa. (risos) (Sessão: 30.08. 2012)
 (6) [...] essa aqui é você. Essa é Jaciara, Rene, Risa, Maísa, **Maísa, Maísa,** Maíra e Miriam. (Sessão: 17/12/2012)
 (7) [...] Eu tenho toque, **toque, toque** [...]É. É tudo no lugar, **lugar, lugar tudo no lugar** [...] Mas foi na ota, **ota, ota** (SIC) excursão (Sessão: 08.2014).

- **Repetição de enunciado.**

- (8) [...] **Foi lá em casa, foi lá em casa. Isso aí, isso aí,** não que dia isso aí **foi lá em casa.** (Sessão: 17/12/2012)
 (9) [...] **Rene tá aqui, Rene tá aqui, tá aqui.** (Sessão: 17/12/2012)
 (10) [...] Estou feliz por causa de Marcos [... Ele é] **razão da minha vida, razão da minha vida** [...] **é o jeito dele de ser, é o jeito dele de ser.** (Sessão: 31/07/ 2015)
 (11) [...] **eu tô bem, eu tô bem, eu tô bem.** (Sessão: 03.2016).

Podemos notar pelos excertos apresentados, que a presença da repetição na fala de **MM** se manifesta de varias formas, apresentando-se desde a um fonema e sílaba, palavra como também em enunciado completo por ela proferido, como podemos evidenciar nos exemplos (1), (2), (8), (9) e (10).

Verificamos, também, no que concerne aos excertos apresentados e, por meio do caráter longitudinal que delineou os acompanhamentos das sessões, que as repetições por **MM** realizadas tem um caráter anosagnósico, conferindo-lhe um valor involuntário em que muitas vezes precisa de um monitoramento para o reconhecimento do seu estado patológico, um dos objetivos deste trabalho.

Evidentemente, a repetição é um fenômeno que ocorre nas falas espontâneas independente de um episódio neurológico, como foi apresentado no capítulo IV. Conforme os estudos de Marcuschi (1992), a repetição é uma manifestação de caráter formulaico e espontâneo da conversação que assume um papel central na produção e compreensão do texto falado, sendo aplicada desde um nível mais baixo, em geral no nível do item lexical e, quando muito, no sintagma, sendo mais raramente na oração. Isso explica o porque das repetições de **MM** serem mais recorrentes em finais de enunciados ou enunciados completos.

Em conformidade com o que abordamos da repetição na fala de **MM**, podemos considerar que as repetições, embora sejam manifestações de um estado patológico, ocorrem por que é um traço comum na sua variabilidade ao enunciar. Entretanto, quando a repetição é vista num sentido raro na linguagem normal, no *status* da fala de **MM** a sua incidência é maior. Canguilhem (2006), a esse respeito, diz que os fenômenos patológicos são idênticos aos fenômenos normais, salvo pelas variações quantitativas, ou seja, “os fenômenos patológicos nos organismos vivos nada mais são do que variações quantitativas, para mais ou para menos [...] o patológico é designado a partir do normal”(CANGUILHEM, 2006, p. 12). Nesse sentido, vemos que a presença da repetição se dá na linguagem de forma natural, pois é um lugar que lhe cabe. No entanto, o excesso de repetições vistos e ouvidas na linguagem de **MM** só é possíveis a partir da sua relação com o que é normal na linguagem. Assim, o que causa estranhamento ao ouvinte é o excesso de repetições visto que foge ao padrão estabelecido pela língua. Nesse caso, “somente a quantidade pode dar conta, ao mesmo tempo, da homogeneidade e da variação.”(CANGUILHEM, 2006, p. 12).

Entretanto, não podemos deixar de lado o fato de que o excesso de repetição, de um item lexical ou um enunciado, causa estranhamento para o ouvinte, pois conforme já foi apresentado por Ramos (1983), a repetição dá ao envolvimento interpessoal do texto discursivo, nesse caso o oral, o papel de facilitar a compreensão do interlocutor.

No caso de **MM**, o aumento do fonema, sílaba, léxico e enunciado não dificulta a compreensão, pois não chega ao ponto de comprometer o sentido da mensagem que **MM** deseja transmitir, mas causa estranhamento ao ouvinte.

O estranhamento pode ocorrer por diferentes fatores, tais como: em se tratando de um fonema ou sílaba, o fenômeno pode decorrer de uma dificuldade articulatória que em determinados momentos pode dificultar a fala. Já para o léxico e o enunciado a repetição pode apresentar-se por uma “falha” na atenção e percepção devido a uma falha no lobo frontal causado pela lesão. Para **MM**, quando lhe é perguntado sobre a repetição, ela diz não perceber. Ressaltamos que, segundo relatório médico, **MM** é uma pessoa afásica devido a lesão, apresentando déficit de memória a curto e longo prazo, ou seja, **MM** não consegue lembrar de fatos de longa data ou recentemente, apresentando dificuldades de memória. Ressaltamos que este estado não é anosagnósico, pois **MM** reconhece que a sua memória falha quando é requisitada.

No que toca a ND, partimos de um trabalho a fim de monitorar as repetições proferidas pelo sujeito em questão a partir da sua linguagem em funcionamento, bem como permitir a esse sujeito o reconhecimento das suas repetições, tornando-as assim consciente com a finalidade de monitorá-las. A seguir, apresentamos dados com essa finalidade.

- **Repetições na oralidade e monitoramento**

Quadro 1: Tá percebendo

Sessão: 30/08/2012

Contexto: Ins e **MM** estão conversando informalmente sobre um fato ocorrido no dia anterior. Durante a conversa Ins tenta fazer com que **MM** perceba as repetições.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
MM	[... < init >] garoa		
Ins	Na porta?		
MM	Na porta, na rua, ali. Na rua, na rua, na rua.		
Ins	Por quê?		
MM	Porque choveu, choveu, choveu, choveu, choveu, choveu, choveu.	risos	
Ins	Mas choveu bastante?		
MM	Não, não, não, não, não, não, não.		
Ins	E você? Passsou maus bocados porque se molhou?		

MM	Porque me molhei, me molhei. Eu me molhei, me molhei, me molhei, me molhei.		
Ins	Você percebeu que você repetiu?		
MM	Percebi, percebi, percebi.		
Ins	Tá percebendo agora?		
MM	Tá percebendo, tá percebendo. Agora, que eu repito, que eu repito as coisas.	risos	
Ins	Mas a gente vai controlando um pouco. Poder repetir pode. É aquilo que te falei, só que tem momentos que a gente não precisa repetir, né?		
MM	É.		

No quadro 1, vemos a transcrição de uma conversa informal de Ins e **MM**. Durante o diálogo das duas, verificamos que **MM** produz várias repetições, sendo a maioria no final de enunciados. No entanto, a presença exacerbada das repetições como em quando ela diz: “Porque choveu, **choveu, choveu, choveu, choveu, choveu, choveu, choveu, choveu**” não tira a atenção de **MM** para o que está sendo dialogado. Em outro momento, **MM** demonstra ter percebido que repetiu “**me molhei**” e se preocupa com o que vai ser compreendido por Ins quando ela repete fazendo uma alteração na sua fala, ela acrescenta o pronome pessoal **eu** para mostrar que refere-se a si mesmo. Nesse momento, percebemos a atividade indeterminada da língua, pois não se encontra pronta e acabada, podendo sofrer alteração “Porque me molhei, **me molhei. Eu me molhei, me molhei, me molhei, me molhei.**”, , mas volta a repetir parte do último enunciado proferido “**me molhei, me molhei, me molhei**”, demonstrando, assim, que provém de uma repetição involuntária. Nesse trecho, **MM** faz auto-repetições de itens lexicais sem variação no intraturno. Como é produto de uma interação, o investigador nota que as repetições não são para enfatizar ou reforçar o que foi dito, como é mostrado nos fragmentos de Tagliaferre, mas por um descontrole em não conter a produção, ou seja, **MM** não consegue inibir a produção em excesso de *choveu*. Em outro momento **MM** percebe que repetiu “me molhei” ao produzir uma auto-repetição oracional no intraturno com uma função corretiva; em seguida, **MM** faz várias repetições de me molhei, conferindo assim o seu estado afásico e palilálico.

Nesse momento, Ins faz uma indagação a **MM** *Você percebeu que você repetiu?*. **MM** diz que sim respondendo com repetições: **Tá percebendo, tá percebendo**. No entanto, ao

perceber que repete, **MM** responde fazendo uma ecolalia, ou seja, repete as palavras ouvida do outro/investigador “ **tá percebendo tá percebendo**”, desenvolvendo em seguida uma oração com a função de reconstrução de estruturas.

Ao responder que está percebendo que realiza repetições **MM** responde fazendo uma repetição e volta a repetir, “**que eu repito, que eu repito as coisas**”, nesse momento, mencionamos o que Perini (1980) fala das repetições, ou seja, segundo o autor, a repetição vem para criar uma sentença canônica, pois **MM** repete colocando um objeto direto como complemento, nesse caso sem nenhuma inserção. Ins ao dizer a **MM** “*Mas a gente vai controlando um pouco. Poder repetir, pode. É aquilo que te falei, só que tem momentos que a gente não precisa repetir, né?* O que Ins está conscientizando **MM** não só das repetições que ela profere como também, a partir do questionamento, monitorar as repetições uma vez que é possível repetir sim, mas só sem excesso. Ao desenvolver esse tipo de atividade o investigador/mediador favorece a plasticidade neural, permitindo um estímulo a **MM**.

O monitoramento foi realizado mostrando a **MM** que ela repete por meio de um reforço ao demonstrar a repetição, como por exemplo: quando o investigador/mediador pergunta “*você percebeu que repetiu?*”. Essas atitudes ganham sentido pois **MM** passa a refletir sobre a sua linguagem quando diz: “*Tá percebendo, tá percebendo*”, desenvolvendo assim uma atividade epilinguísticas. Dessa forma, o investigador/mediador desestabiliza o quadro ao permitir que **MM** tome ciência do que está ocorrendo em sua fala. Em conformidade com o que foi dito, fazemos um enlace com as palavras de Freud (1914) ao sublinhar que para não ter repetição é preciso superar as resistências. Essa superação ocorre quando o analista/investigador/mediador revela a resistência que nunca é percebida pelo analisando/**MM**, fazendo-o assim familiarizar-se com ela (a repetição). Compreendemos que depois que fica familiarizada a repetição passa a ser monitorada.

Quadro 2: “Cheguei”

Sessão: outubro de 2012.

Contexto: Ima espera por **MM** quando a mesma chega para o acompanhamento. **MM** chega atrasada e se justifica.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
Ima	Oi! Chegou::: Que bom!		
MM	Cheguei, cheguei, cheguei. Demorei um pouquinho f f f. foi a rua.	Voz acelerada	

Ima	Não tem problema, o importante é que você chegou. Vamos sentar? Vem, senta aqui!		Apontando para a cadeira.
MM	Vou sentar, vou sentar, sentar, sentar.		
Ima	Você prefere sentar aí ou aqui, desse lado.		Apontando para o lado esquerdo.
MM	Aqui, aqui, aqui tá bom, tá bom, tá bom.		Puxando a cadeira e sentando.
Ima	Pronto! Acomodada.		
MM		Risos	

No quadro2, transcrevemos uma situação comum nos encontros de Ima e **MM**, a chegada de uma das duas. Nesse caso a chegada de **MM**. No episódio acima, verificamos vários tipos de repetições proferidas por **MM** que chega atrasada e logo começa a se justificar ao afirmar que **f, f, f, foi** por conta da rua, referindo ao trânsito. No entanto, para dizer a palavra **foi**, **MM** repete o segmento **f** por três vezes. Levando em conta o atraso, **MM** não chegou afobada, o que não interfere na sua produção, apresentando-se mais como uma leve dificuldade em pronunciar. No entanto, podemos perceber que as repetições tem maior incidência ao final de enunciados, resultando assim em uma palilalia. Percebe-se também que tanto nos excessos de *cheguei* e *sentar*, vemos uma repetição descontextualizada, pois pela interação não é notado como uma repetição intensificadora ou reforço, mas como uma consequência de um ato involuntário. Nesse quadro, não apresentamos nenhum trabalho de monitoramento para que o leitor tenha uma noção do que ocorre na fala de **MM**, ou seja, sem o monitoramento **MM** fica mais vulnerável a produzir repetições.

Quadro 3: Quarta-feira

Sessão: 10/2013

Contexto: Ima e **MM** estão conversando informalmente sobre uma suposta viagem.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
	RECORTE		
Ima	Hein, MM ?		
MM	Oi!		Virando-se para Ima
Ima	Você vai pra Belo Horizonte quando?		
MM	Quarta-feira, quarta-feira, quarta-feira.		
Ima	Quarta-feira?	Chamando a	

		atenção para a repetição, sem questioná-la.	
MM	Quarta-feira.	Sem repetições	
Ima	E você vai ver lá o que?		
MM	Vou ver a casa dos meninos que caiu, a casa dos meninos que caiu, que caiu		
Ima	Que caiu? Que casa que caiu?		
MM	A casa que eles moravam caiu, caiu, caiu.		
Ins	Humm!	Surpresa	
MM	Aí, agora, eles estão morando em outra, outa, outa, outa (sic).		
Ima	Em outra casa?		
MM	Em outra casa, outra casa, outra casa.		
Ima	Lá você vai aproveitar e ver seu pai? E o que seu pai tem?		
MM	Meu pai tem? Não sei, não sei o que meu pai tem mas tinha que explicar tudo direitin, direitin.		
Ima	É tinha que explicar tudo direitinho,ne? Você não sabia o que seu pai teve não?		
MM	Eu sei que ele tem problema de coração.		
Ima	Não! Mas não foi problema de coração que ele foi fazer não, ele foi fazer uma cirurgia no joelho.		
MM	Joelho, joelho, joelho.		
Ima	Lá você vai visitar?		
MM	Vou visitar, visitar, visitar		
Ima	E essa semana, o que você fez de interessante?		
MM	Essa semana não fiz nada de interessante, nada interessante, nada interessante.		
Ima	Nada de interessante! MM , você percebeu que durante a nossa conversa você repetiu varias vezes?	Tom surpresa	
MM	Não percebi, não percebi não.		
Ima	Você fez! Não é bom repetir.		

	Você acha que é uma coisa boa repetir?		
MM	Não sei. É?		
Ima	Não, não é.		
	RECORTE		

Assim como foi apresentado no quadro 3, **MM** faz várias repetições. Dessa vez, as repetições se manifestam mais ao final de cada enunciado. Ao longo do diálogo, **MM** e Ima conversam sobre uma viagem para Belo Horizonte que **MM** provavelmente faria (fez de fato) para visitar o pai que havia se submetido a uma cirurgia no joelho. No meio da conversa, dá para perceber que **MM** faz confusões, segundo familiares, não houve casa nenhuma que caiu de primos. Ela realmente tem irmã que mora lá. Nesse momento, percebemos que **MM** não consegue acessar corretamente a sua memória, a sua afasia lhe confere este estado. No tocante das repetições, Ima, enquanto investigadora, procura saber, conhecer de **MM** se ela percebeu a quantidade de repetições elaboradas ao longo do diálogo. Ela afirma que não e que não sabe se é algo bom. Ima diz que não é. Dessa forma, conferimos mais uma vez o caráter automático das repetições. Quando as repetições são automáticas, são definidas como a emissão repetitiva do mesmo segmento linguístico (podendo ser uma sílaba, uma palavra ou uma sentença), a sua ocorrência é tida como não contextualizada, de caráter automático e constante na fala (VISCARDI, 2005). É essa característica de repetição que verificamos na fala de **MM** como uma alteração de linguagem. O sujeito que apresenta o automatismo não se dá conta das repetições por ele proferida, nesse caso, **MM**. No entanto, verificamos que com o monitoramento, as repetições são inibidas, como vemos nos turnos 5 e 6. Ima chama a atenção de **MM** falando a palavra sem produzir repetições. **MM** percebe e ao enunciar a palavra *quarta-feira* não faz a repetição. Nesse sentido, verificamos que o trabalho com a regulação da linguagem favorece a neuroplasticidade, pois o investigador/mediador atua com um *input* para que posteriormente **MM** produza um *output*, ou seja, **MM** sobre a linguagem ocasionando uma organização, explorando, assim, a neuroplasticidade. Desse modo, o outro/investigador por meio da mediação permite a **MM** um desafio linguístico para ver o que acontece na sua linguagem. Nesse momento, as estruturas neurais se reorganizam para desenvolver o que é esperado. Essa atividade desenvolvida por **MM** só é possível por meio da intervenção já que, por si só, ela não reconhece seu estado repetitivo. Considerando isso, percebemos que **MM** desenvolve uma atividade epilinguística, pois conforme Coudry (2001) a atividade epilinguística se manifesta, também, nas reflexões e pensar sobre a linguagem.

Nestes dados, temos várias auto-repetições lexicais, (**joelho joelho joelho**) quanto oracionais (**que caiu que caiu**) com e sem variação no interturno. Novamente, não vemos,

por meio da interação, uma função intensificativa nas repetições, mas que a sua ocorrência se dá devido um descontrole na inibição motora.

Quadro 4: A-cor-dar

Sessão: 31.07.2015

Contexto: Ima inicia um diálogo, informalmente, sobre acordar para que, posteriormente, **MM**, realizasse uma leitura do poema A-cor-dar. **MM** participa da conversa apresentando diferentes tipos de repetições.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
	RECORTE		
Ima	Como você acordou hoje? Acordou, pense aí!		
MM	Acordei?! Igual acordo to, to, todo os dia, assustada. Hoje meu corpo t, t, tá to, todo doendo. Minha perna tá doendo, tá doendo.		
Ima	Você acordou assustada hoje?		
MM	(Assim) hoje, há bom tempo, ontem to, todos os dias. Você fiquei sabendo que fiquei acamada, fiquei sabendo que estou acamada, fiquei, aí, eu acordo assustada.	Apresentando dificuldade na formulação do enunciado.	
Ima	Mas por que você assim?		
MM	Assustada? Por que não tem jeito é, é // parada assim como se fosse assim, sei lá o que estou sentindo.		Fazendo gestos com o corpo.
Ima	MM , fale todos.		
MM	Todos.		
Ima	Muito bem! Percebeu a diferença.		
MM	Não.	Com dúvida	

No episódio acima descrito, verificamos que na fala de **MM** as repetições apresentam-se tanto em fonemas como em “**t, t, tá**” em que **MM** repete a consoante [t] para expressar **tá** como em sílabas “**to, todo e to, todos**” para falar todos. A presença da repetição de segmentos e sílabas pode ser compreendida como uma dificuldade apresentada por **MM** ao se pronunciar. No entanto, quando Ima pede a **MM** que repetisse “**todos**” com a intensão de não

ter repetições, **MM** diz “**todos**” sem repetir. Como **MM** é um sujeito afásico essas repetições tornam comuns na sua fala, apresentando de forma inconstante. Em sua última fala, podemos perceber que **MM** não se dá conta da repetição. Embora haja repetições, verificamos que o sentido do enunciado não é comprometido, permitindo que **MM** seja um sujeito de linguagem.

- **Repetições na leitura**

Quadro 5: Colorir Papel

Sessão: 30.08.2012

Contexto: Ins e **MM** estão desenvolvendo uma atividade de leitura. **MM** ouve a música e depois ler o material impresso para Ins. **MM** apresenta repetições mesmo com uma leitura orientada.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
	RECORTE		
Ins	E, aí? Gostou?		
MM	Boa, boa, boa, boa.		
Ins	Boa! Boa! E o que você entendeu aqui. O que você entendeu assim Qual a parte que você mais gostou. Oh, vamos fazer assim: vamos ler a música desde o título Aí, depois você me responde isso.		
MM	Tá baixinho! Colorir papel Via circular É um vento que passa e que leva/ raia o brilho de cor amarela/ planta no chão, no chão, no chão O amor o pé no chão / o amor dando volta na terra/ arco-íris de luz aquarela/ banda coração. Vamos ver o pôr do sol/ Me dê a mão/ uma estrela só não é constelação/ Sem destino vamos juntos passear feito nuvem no céu/ derramar a tinta colorir papel	MM faz a leitura do texto da música Colorir papel	

	É um vento que passa e que leva que leva / rua raia o brilho de cor amarela/ planta o chão o pé no chão Amarela amarela amarela		
Ins	Hum hum?? aqui é que você repetiu. Não precisa repetir. Planta o pé no chão.	negativando	
MM	o amor dando volta na terra/ arco íris de luz aquarela/ banda coração/ vamos ver o por do sol/ me dê a mão/uma estrela só não é constelação/ sem destino vamos juntos/ passar feito nuvens no céu/ derramar a tinta colorir papel/ e amanhecer nós dois/ perfume, bem me quer me quer/tem biscoito, biscoito queijo, bolo leite no café	Continuando a leitura	
	RECORTE		

No quadro 5, observamos que Ins e **MM** tiveram um momento da audição de uma música “Colorir Papel”. **MM** demonstra ter gostado da música ao responder a pergunta de Ins “E, aí? Gostou?” e **MM** responde que sim ao afirmar dizendo com repetições “**boa, boa, boa, boa**”. Nesse momento, **MM** produz repetições em sua fala espontânea, repetição no intraturno, e sem nenhum tipo de interferência seja da fala de Ins ou da música que acabou de ouvir. Ins pede a **MM** que faça a leitura da música e **MM** desenvolve a sua leitura produzindo algumas repetições que se apresentam no terceiro verso da música “*É um vento que passa e que leva/ raia o brilho de cor amarela/ planta [o pé] no chão, no chão, no chão/*” depois dá continuidade a leitura fazendo uma repetição com interferência “*o amor o pé no chão/ o amor dando volta na terra/ arco-íris de luz aquarela/ banda coração*” **MM** insere em sua fala **o pé no chão** cujas palavras não pertenciam ao verso lido e sim a um anterior. Analisando esse trecho, observamos que há uma semelhança dessa repetição com a perseveração repetitiva proposta por Helmick e Berg (1976) por se manifestar após a interrupção de um evento, neste caso, o verso anterior, como vemos ao repetir “amarela” no exemplo a seguir

Depois **MM** volta a fazer repetições ao repetir a mesma estrofe, agora, repetindo outras palavras “*É um vento que passa e que leva **que leva**/ rua raia o brilho de cor amarela/ planta o chão o pé no chão **amarela amarela amarela**”*. O que verificamos é que mesmo em uma fala orientada como a leitura, pois segue um texto impresso, as repetições tornam audíveis/presentes e se apresentam de duas maneira: sem a interferência do turno anterior e com interferência do turno anterior como propõe Helmick e Berg. Essa recorrência se dá devido ao ato automático e involuntário que o sujeito não consegue inibir. **MM** só percebe ou parece perceber a repetição quando Ins a adverte “*Hum hum?? aqui é que você repetiu. Não precisa repetir*”. A relação do investigador/Ins com o sujeito da pesquisa pede que o investigador intervenha durante as repetições, tornando-as, dessa maneira, reconhecidas por **MM** para que ela possa monitorar a sua fala. **MM** continua a leitura, dessa vez, sem repetições. O que percebemos, também, é que na leitura embora encontramos repetições involuntárias, estas ocorrem numa incidência menor do que a que encontramos na fala espontânea. Podemos justificar essa diferença devido à atenção dada e requerida no processo de leitura uma vez que **MM** se encontra concentrada. Entendemos que a concentração exige uma atenção maior de **MM** que seguindo a leitura permite que a repetição seja freada. No entanto, devido a lesão frontal que provoca uma falha na ação reguladora responsável pela percepção e intenção do sujeito, verificamos que o controle e a concentração durante a leitura falha em determinados momentos, ocasionando a repetição involuntária em algumas passagens. Dessa maneira, damos importância a atividade desenvolvida pelo investigador ao permitir que **MM** perceba essas repetições e que a partir daí possa se controlar, requerendo uma maior atenção, evitando assim a repetição.

Quadro 6: Primavera

Sessão: 15.09.2015

Contexto: Ima e **MM** estão desenvolvendo uma atividade de leitura sobre a primavera.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
	RECORTE		
Ima	Gostaria que você lesse esse texto em uma voz normal.		
MM	Pode começar?		
Ima	Po:de:!!		
MM	INICIANDO A LEITURA		

	<p>Neste entardecer tão belo.../Entre todas as flores.../Existe uma rosa amarela.../Que vem ressurgindo.../Com a primavera....</p> <p>Trazendo consigo.../Seu delicado perfume./Assim como esperanças/ oportunidades.../Para novas amizades...</p> <p>A primavera é tão bela.../Porque traz com ela.../Todas as flores e aromas../Revitalizando a inquietude.../De todos os corações...</p> <p>As rosas colorem o amor ... As vermelhas exalam paixão... As amarelas trazem magia e a sedução... As brancas com sua brandura... Trazem paz para os corações.</p>		
Ima	Muito bem! Gostou!		
MM	Gostei é muito lindo!		
Ima	É legal mesmo. Você percebeu que você leu e não repetiu uma palavra?		
MM	Eu não reparei. Eu não repeti. Eu não repeti nenhuma		
	RECORTE		
Ima	Sobre o que está falando no poema?		
MM	Hum		
Ima	Você consegue lembrar o que está falando aqui?		
MM	Quatro estrofe		
Ima	Quatro estrofe, mas o que essas estrofes falavam o que da primavera?		
MM	Da primavera falavam que é linda, que é linda com flores amarelas e azuis		
Ima	Você repetiu que é linda. Vamos tentar falar sem repetir. Fala aí, que é linda com flores amarelas e azuis. Pense primeiro no que vai		

	falar e fale.		
MM	A primavera é linda com flores amarelas e azuis.		
Ima	Muito bem.Fica melhor sem repetir,certo?		
	RECORTE		

Nesse episódio, **MM** desenvolve uma leitura de um poema sobre a primavera que realizou sem produzir nenhuma repetição. Quando Ima pergunta se ela percebeu a não repetição, **MM** diz que não. No entanto, ao responder **MM** repete a sua fala com o sentido de enfatizar que não repetiu e acrescenta *nenhuma* “*Eu não reparei. Eu não repeti. Eu não repeti nenhuma*”. Depois, **MM** reproduz uma repetição no meio de um enunciado que ao ser apresentado a ela a repetição **MM** fala a frase novamente sem repetir, aprendendo a monitorar. Essa leitura nos mostra que por meio do acompanhamento longitudinal, podemos perceber as evoluções do sujeito **MM**. No início, quando chegou ao ECOA, **MM** repetia mesmo com uma leitura orientada, como apresentamos no quadro 5. Atualmente, a leitura de **MM** se realiza sem repetições o que não quer dizer que não possa apresentar uma inconstância dado o seu estado de afasia. Reconhecemos, assim, a importância do outro enquanto mediador para a percepção e monitoramento da repetição desenvolvida por **MM** uma vez que a repetição passa a ser controlada.

- **Repetição na escrita**

Quadro 7: Dia das Mães

Sessão: 08/05/ 2014

Contexto: Com a chegada do Dia das Mães Ima desenvolve uma atividade com gêneros textuais: cartão e charge com **MM** para que ela possa entrar em contato com a escrita espontânea já que demonstrava resistência para escrever devido uma hemiparesia a direita.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
	RECORTE		
Ima	Domingo é dia das mães e eu quero que você pense com carinho o que você gostaria de dizer para sua mãe. Pense, aí, rapidinho! Não fala para mim não só pensa.		
Itn	Oi!		
MM	Oi!		
Ins	E,aí, como é que cê tá?		
MM	< init>		

Ins	Hum?chupou picolé?		
MM		Risos	
Ima	Como é MM ?		
MM		Risos	
MM	O que que você vai mim dizer agora?		
Ins	Oi? Eu não entendi o que você falou.		
Ima	Você fala sorrindo a gente não entende. Fala devagar.		
MM	Eu não sei o que que eu ia falar, o que que eu ia falar.		
Ins	Não? Então vou perguntar o que vocês estavam fazendo? Trabalhando com o que?		
Ima	O que você estava fazendo agora?		
MM	Trabalhando com com isso		
Ima	Qual o nome disso?		
MM	Não sei, não sei, não sei	Repetindo	
Ins	Charge		
MM	Charge, charge, charge, charge, charge.	Repetindo	
Ins	Charge		
MM	Charge		
Ins	Oh!!	Tom de alegria e surpresa	
	RECORTE		
Ima	Aí, eu estava pensando. Como domingo é dia das mães eu comprei um cartão para ela escrever para a mãe dela porque assim ela trabalharia a escrita.		
Ins	Hum, legal!		
Ima	Aí, eu pedi para ela pensar direitinho no que ela queria dizer para a sua mãe. Não precisa ser nada grande.		
Ins	Hum!		
Ima	Mas nada também pequenininho, viu MM ? Capricha! Para ela poder escrever Aí, é você quem vai escrever, devagar porque não pode ter a minha letra nem da de Ins, nem a de Itn. É a sua. Sua mãe conhece a sua letra, tá!	Dirigindo a fala a Ins	

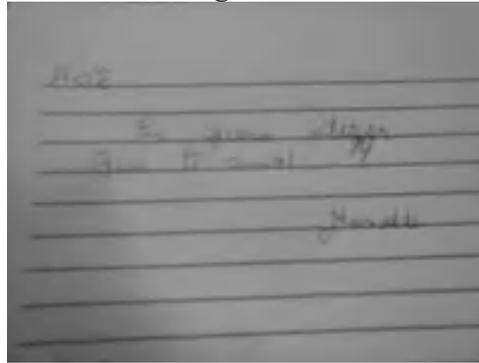
MM	Minha mãe conhece a minha letra		
Ima	Sua mãe conhece sua letra, muito bem! Como é o nome de sua mãe?		
MM	Zezé		
Ima	D. Zezé. Vê lá o que você vai dizer a ela.		
Ins	Mas você não vai escrever pra Dona Zezé, não é? Como você vai colocar?		
Ima	Como você chama ela?		
MM	Mãe		
Ima	Mãe. Então pronto mãe. Como se escreve mãe? Vamos treinar.		
MM	Olha como estou: tremendo.		
Ins	Tá tremendo? Mas está menos	Referindo a dor que MM sente na mão.	
Ima	Escreve de lápis pra ver se melhora.		
Ins	Dá outra vez você estava tremendo muito mais.		
Ima	Cada letra precisa do seu espaço.		
Ins	É por que às vezes fica uma letra em cima da outra, né?		
	RECORTE		
Ima	O que você quer dizer para sua mãe?		
MM	Mãe, eu quero dizer que te amo.		
Ima	Quero dizer que te amo. Então bora...		
MM		Escrevendo no papel	
Ins	A gente pode usar esse material porque esse aqui já deixa para a próxima.	Referindo a Itn e RO	
Ima	Mãe, eu quero		
MM	Quero		
Ima	Dizer		
MM	Dizer que te amo.		
Ima	Agora, assina seu nome. Capricha. Bem bonito.		
MM		Risos	
Ima	Para Marcos não ficar enciumado, escreva para ele também.		
Ima	Marcos eu te amo,vai!		
MM	Marcos	Falando palavra por	

		palavra	
Ima	Eu		
MM	Eu		
Ima	Te		
MM	Te amo.		
Ima	Prontinho. Seu nome em baixo.		
MM	Mare, Marivalda, Marivalda.	Risos	
Ima	Linda!!! Viu o que você fez? E diz que não sabe escrever. Você está preguiçosa.		

No episódio descrito, observamos a fala espontânea e a produção de escrita de MM. Verificamos que as repetições se apresentam mais na fala espontânea como em “**o que que eu ia falar**” “**não sei, não sei, não sei**” e “**charge, charge, charge, charge, charge**” estão sendo reproduzidas no intraturno sem interferência e de maneira idêntica. Embora possa causar um estranhamento, MM consegue se manter na interação sem interferência de sentido, sendo monitorada por Ins ao falar “charge” MM consegue dizer a palavra sem repetir “charge”. Depois MM é convidada a escrever um cartão de Dia das Mães para a sua mãe. MM, geralmente, apresenta resistência à escrita por isso a escolha da atividade para reinseri-la no universo da escrita. No entanto, ela demonstra resistência ao falar do tremor que, às vezes, apresentava quando ia desenvolver alguma atividade que exigisse motricidade e agilidade ao dirigir-se a Ima para ela escrever. Ima não aceita “*Aí, é você quem vai escrever, devagar porque não pode ter a minha letra nem da de Ins, nem a de Itn. É a sua. Sua mãe conhece a sua letra, tá!*” MM compreende e se dispõe a escrever. E diz o que quer escrever “**Mãe, eu quero dizer que te amo!**”. Ima entrega lápis e caneta para ela escrever. Ela escreve primeiro em uma folha de papel. Ao escrever MM faz uma duplicação de um segmento em posição medial ao registrar *dizzer*, como mostramos na figura 6, e não percebe. Na figura 7, mostramos que a repetição se realiza também em posição inicial como vemos na palavra *mmelhor*. Essa duplicação é visto por nós como um dado-achado, pois mostra como a escrita de MM se encontra, mostrando uma instabilidade ao escrever apresentando uma repetição. Nesse caso, vemos um reflexo da fala na escrita, assim como ocorre no processo de aquisição da escrita por crianças em fase de alfabetização. Esse processo só é possível observar tendo a língua em seu funcionamento. Entretanto, MM escreve a mensagem desejada explicitando a sua subjetividade aspirando felicidade por conseguir, deixando de lado a resistência. Dessa maneira, mesmo com dificuldade para escrever e com certa resistência, MM retoma seu espaço social, que muitas vezes é anulado na vida de um afásico, pois quem que nunca escreveu um cartão de Dia das Mães para sua mãe. Entretanto, isso só foi possível porque Ima

considera **MM** um sujeito de linguagem. O monitoramento foi realizado mostrando a **MM** que ela repete por meio de um reforço ao demonstrar a repetição, como por exemplo: quando ela repete charge cinco vezes e o investigador/mediador diz “charge” e ela diz charge sem repetir, desenvolvendo assim uma atividade epilinguísticas. Dessa forma, o investigador/mediador desestabiliza o quadro ao permitir que **MM** tome ciência do que está ocorrendo em sua fala. Em conformidade com o que foi dito, fazemos um enlace com as palavras de Freud (1914) ao sublinhar que para não ter repetição é preciso superar as resistências. Essa superação ocorre quando o analista/investigador/mediador revela a resistência que nunca é percebida pelo analisando/**MM**, fazendo-o assim familiarizar-se com ela (a repetição). Compreendemos que depois que fica familiarizada a repetição passa a ser monitorada. Mas o que justifica a inconstância da repetição após o monitoramento?

Figura 6: Dizzer



Fonte: Elaboração própria

Transcrição:

Mãe,
Eu quero dizer que te amo.
MM

Figura 7: mmelhor



Fonte: Elaboração própria.

Transcrição:

1º balão: *Será que esse (mar) livro fala sobre águas profundas das?*

2º balão: *O fundo do mar é mmelhor!*

Quadro 8: Dia dos Pais

Sessão: 10/08/2014

Contexto: Ima convida MM a escrever um cartão de dia dos pais para seu pai. MM demonstra resistência, mas copia a mensagem.

Sigla do Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não verbais
Ima	Deixa eu te perguntar uma coisa. Hoje --- Domingo é dia de que? Você sabe?		
MM	Dia das mães.		
Ima	Ué! No dia das mães não fizemos um cartão para sua mãe?		
MM	Dia dos Pais		
	RECORTE		
Ima	E que cor são os olhos de seu pai?		Referindo ao pai de MM
MM	Laranja da cor do meu		
Ima	Entendi. Cor de mel bem claro		
MM	Bem claro bem claro bem claro	Repetindo	
Ima	Agora, olha só. Se você tivesse que escrever algo para seu pai, o que você diria? Mas eu quero dizer assim, o que você gostaria de falar para seu pai?		
MM	Só coisas boas, bonitas.		
Ima	Quais são essas coisas boas e bonitas que você gostaria de dizer para o seu pai. Pensa, aí! É sério		
MM	Quero dizer um monte de coisa, mas é q eu estou sem fala (palavras) Eu tô com um livro aí, mas não responde isso aí		
Ima	O que você vai dizer para ele, escrever para ele?		

MM	Escrever? É feia minha letra.		
Ima	Não a gente vai tentar. Temos que ter orgulho de quem nós somos. Deixa eu ver... Pai Você		Ima começa a ditar e MM escrever
MM	Você		
Ima	É		
MM	É		
Ima	Uma		
MM	Uma		
Ima	Ótima		
MM	Ótima		
Ima	Pessoa		
MM	Ótima pessoa ótima pessoa pessoa	Repetindo	
Ima	Eu		
MM	Eu		
Ima	Gosto		
MM	Gosto Como você fala?		
Ima	Muito		
MM	Muito		
Ima	De tê-lo		
MM	De tê-lo		
Ima	Por perto		
MM	Por perto perto perto perto perto perto	Repetindo	
Ima	Obrigada		
MM	Obrigada		
Ima	Por me		
MM	Por me		
Ima	Ensinar		
MM	Por me ensinar		
Ima	O caminho		
MM	O caminho		
	RECORTE		
Ima	Tudo		
MM	Tudo tudo tudo tudo	Repetindo	
Ima	De melhor		
MM	De melhor		
Ima	Tudo de melhor		
MM	Oi?		
Ima	Que Deus poderia me dar		
MM		Risos	
Ima	Assina aí seu nome		
MM			Escreve no cartão

Ima	Gostou?		
MM	Gostei		
Ima	De verdade		
MM	De verdade mesmo verdade mesmo verdade mesmo	Repetindo	
Ima	Sério?		
MM	Sério sério sério	Repetindo	
	RECORTE		

No episódio acima, apresentamos outro momento da produção de escrita de **MM**. Dessa vez, ela escreve uma mensagem para o pai e sem fazer repetição de grafemas. Como ela não sabia o que escrever Ima dita para ela e a mesma vai escrevendo. Ao longo da escrita, **MM** ao repetir o que Ima fala produz algumas repetições da sua própria fala, como em “**Tudo tudo tudo**”, “**Ótima pessoa ótima pessoa pessoa**” de forma automática. Entretanto, durante a escrita ela não repete. **MM** volta a fazer outras involuntárias na fala espontânea das última palavras. “De verdade mesmo **verdade mesmo verdade mesmo**” e em **Sério sério sério**”. Nesses dados, vemos que **MM** produz auto-repetições no intraturno, sem variação de itens lexicais, mostrando novamente que a não inibição da ação motora decorre de um ato involuntário. No entanto, essa atividade nos permite observar também que, mesmo apresentando alterações na fala, **MM** reconhece que ao escrever não repetimos, exceto em alguns casos. Embora ela tenha tentado resistir afirmando que sua letra é feia, ela escreve a mensagem direitinho e sem repetir segmentos, palavras ou frases, embora em determinados momentos a repetição se fez presente na sua fala ao repetir o que Ima dizia. Para escrever, **MM** precisou apenas de incentivo que foi dado pelo investigador/mediador para que ela pudesse escrever, pois conforme ela disse “*Quero dizer um monte de coisa, mas é que eu estou sem fala (palavras)*”.

Figura 8. Dia dos Pais

.....

Fonte: Elaboração própria

Transcrição:

*Você é uma ótima pessoa
Eu gosto muito de tê-lo comigo
Obrigado por me ensinar o
caminho certo de viver minha a vida.
Você é tudo de melhor que Deus
Pode me dar
Um beijo
Um abraço
Eu te amo*

MM

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse percurso, podemos avaliar o que foi possível averiguar sobre a presença das repetições e do monitoramento na linguagem de **MM**.

Vimos que a repetição enquanto item linguístico é um fenômeno muito frequente na linguagem, principalmente, na modalidade oral, podendo ser encontrada tanto na linguagem típica quanto na linguagem atípica, sendo a sua principal característica a de facilitar a comunicação entre as pessoas configurando-se nos mais variados níveis linguísticos (MARCUSCHI, 1992, 2006; RAMOS 1983; BESSA NETO 1991 e DOS SANTOS 2015).

Neste trabalho, avaliamos a repetição na estrutura e no funcionamento da linguagem oral/escrita de **MM** decorrente da palilalia. Ao que concerne o nosso estudo, descrevemos as repetições na fala de **MM** ao verificarmos que a repetição que se configura na linguagem de **MM** tem um caráter múltiplo, pois além de se realizar como na fala de qualquer pessoa no sentido de reforço e ênfase a mesma também se diferencia ao apresentar-se com uma maior incidência no intraturno com um caráter involuntário e causando estranhamento ao interlocutor, característica própria de um estado patológico.

Verificamos, também, que as repetições ocorrem nas três habilidades: fala espontânea, leitura e escrita. Na fala espontânea, as repetições tem uma maior incidência em finais de enunciados, variando de palavra ou sintagma, conferindo, assim, o estado da palilalia. Todavia, verificamos que em determinados momentos ocorre a ecolalia. Ambos, palilalia e ecolalia, são consequências da lesão que interfere diretamente na unidade III do cérebro (LURIA, 1981) responsável pelo caráter inibitório. Verificou-se também que nas falas espontâneas **MM** não apresenta dificuldade de acessar o léxico e que as construções sintáticas ocorrem de maneira lógica seguindo uma estrutura canônica.

Na leitura, verificou-se que em determinados momentos a repetição ocorre em caráter automático e involuntário ao final do enunciado, como na fala espontânea, comprovando assim a palilalia, aproximando à configuração dada sobre a repetição na perseveração, perseveração repetitiva, com a interferência de um evento, ou a repetição contínua, sem a interferência de um evento como foi proposta por Helmick e Berg. Na escrita, a repetição também se faz presente na reprodução de segmentos tanto em posição inicial quando na medial, mostrando que há uma instabilidade na escrita por apresentar reflexos da fala.

Sobre a produção das repetições, verificou-se que **MM** em sua fala apresenta uma voz monótona, com sons decrescente e com *pitch* baixo o que lhe confere um estado disártrico além da afasia, que não foi objetivo desse estudo, podendo ser estudado futuramente.

No início do acompanhamento, verificamos que **MM** apresentava um estado anosagnóstico por não reconhecer que repete. No entanto, no decorrer do acompanhamento, observamos que ela passou a reconhecer que repete, facilitando a intervenção para o monitoramento.

Em consonância com a teoria e avaliação prática da ND, verificamos que o papel do investigador/mediador, por meio do acompanhamento longitudinal, permitiu tanto para o investigador quanto para **MM** conhecer o funcionamento da linguagem que, por ora, se encontra com alterações. A partir do acompanhamento, observamos que o monitoramento da repetição dá certo ao passo que **MM** vai tomando consciência do que ocorre em sua fala através de cobrança, conselhos, estímulo e opção para evitar a repetição, exercendo assim a função reguladora da linguagem. Além disso, ao refletir e recorrer a manobras para com o jogo da linguagem, **MM** está fazendo uso da força indeterminada da língua (Franchi, 1992[1977]) como qualquer usuário faz ao desenvolver atividades epilinguísticas num viés de “negociação”, conferindo sentido ao discurso entre os interlocutores, pois mesmo apresentando a repetição como uma alteração na linguagem, **MM** consegue se manter na interação dialógica. Desta maneira, vemos uma linguagem em reconstrução, pois **MM** tem a possibilidade de reorganizar a sua linguagem a cada novo enunciado evitando, assim, a repetição ao passo que tenta monitorá-la se permitindo chegar mais próximo à linguagem que exercia antes.

Por essa perspectiva, percebemos que quando o investigador/mediador faz *indagações*, *instiga reflexões sobre a linguagem e mostra o real estado da linguagem de MM*, determinadas zonas cerebrais são acionadas, permitindo que uma reorganização aconteça ao possibilitar uma mudança no quadro atual, ou seja, que repetições sejam monitoradas, evitando o excesso.

Dessa maneira, ao conhecer o funcionamento da linguagem na palilalia e verificar que a sua presença se manifesta de várias formas, conferimos de suma importância a prática desenvolvida pela ND ao considerar **MM** como um sujeito de linguagem apesar de suas limitações e prover intervenções significativas para o monitoramento, sejam na oralidade ou na escrita, permitindo a sua (re)inserção no espaço social que convive já que muitas vezes devido a alteração o sujeito tende a se isolar quando não é isolado pelo o outro.

Deste modo, salientamos a importância deste trabalho para o conhecimento do funcionamento da linguagem de um sujeito com palilalia, ao analisá-la do ponto de vista linguístico. Indicamos a leitura para todos que mantêm interesse aos estudos da linguagem mediante a carência de estudo sobre essa temática. Além disso, ressaltamos que as repetições

na palilalia poderiam, ainda, serem estudadas relacionando a sua ocorrência com a memória de trabalho associando-a também a disartria, uma patologia de linguagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Pinto; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. **Revista Agora**. Rio de Janeiro, 2008, 203-218.
- ANNUNCIATO, N. F. *et al.* **Fatores ambientais que influenciam a plasticidade do SNC**. Artigo de Revisão. Universidade do Grande ABC, Santo André, SP, 2000, p. 6-13.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5ª edição. Campinas,SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 6ª edição. Campinas,SP: Pontes, 2006.
- BESSA-NETO, Regina Stella. **A repetição lexical em textos Narrativos orais e escritos**. Dissertação(Mestrado)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte,1991.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHO, Y; HAN, S; SONG, S; LEE, B; HEO, K. **Palilalia, echolalia, echopraxia,-palipraxia as ictal manifestations in a patient with left lobal front epilepsy**. Brief Communication. Seoul, Korea; 2009.
- COUDRY, M. I. H; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F .; SILVA, M.A. **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: Teorização e Práticas com a Linguagem**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010.
- COUDRY, Maria Irma Hadley. **Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988 (Edição consultada: 2001)
- COUDRY, Maria Irma Hadley. Neurolinguística Discursiva: Afasia como tradução. **Revista de estudos da linguagem**, Vitória da Conquista, v.6, n.2, p.7-36.
- COUDRY, Maria Irma Hadley. O que é dado em Neurolinguística? In: DAMASCENO, B. P.; COUDRY, Maria Irma Hadley. (Org.) **Temas em neuropsicologia**. São Paulo: TecArt, 1995. (Série de neuropsicologia; v.4).
- COUDRY, Maria Irma Hadley; POSSENTI, Sírio. Avaliar discursos Patológicos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 5. Campinas: IEL/UNICAMP,1983, p. 99-109.
- CRITCHLEY, M. **On Palilalia**: In_ Journal Neurol Psychopathol. London.1927, 23–32.
- DOS SANTOS, Lorena Oliveira et. al. Uma abordagem funcional da repetição na oralidade em três aspectos: Desdobramento, Temporalização e Reparação. **Revista Filologus**, Rio de Janeiro: CiFeFiL, 2015.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem-Atividade Constitutiva. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, Unicamp, 1992[1977], p. 9-39.

- FREIRE, Fernanda Maria Pereira. **Agenda Mágica: linguagem e memória.** Tese (doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Campinas, 2005.
- FREUD, Sigmund. **A concepção das afasias: um estudo crítico.** Tradução Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autentica editora, 2013.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna.** 27ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** 6ª edição. São Paulo: Cultrix, 1963.
- JAKUBOVICZ, Regina; MEINBERG, Regina C. **Introdução à afasia: Elementos para diagnóstico e terapia.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1981.
- KAGAN, Aura; SALING, Michael M. **Uma introdução à afasiologia de Luria: Teoria e Aplicação.** Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.
- LAGROTTA, Márcia Gomes Mota. **A repetição em idosos em diferentes situações institucionais.** Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- LANDI, Dorian et. al. Complex epileptic palilalia: A case reported. **Seizure**, 2012.
- LEBRUN, Y. **Tratado das Afasias.** São Paulo: Paramed Editorial, 1983.
- LEMOS, Dulce. **Disartria.** Rio de Janeiro: Enelivros Ed, 1992.
- LIMA, Sílvia Saraiva Pereira. A questão da perseveração na afasia. In: **A semiologia das afasias: Perspectivas linguísticas.** MORATO, E.M. (Org.). São Paulo: Cortez, 2010.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de Neuropsicologia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- MANSUR, Leticia Lessa. **As correções no discurso de indivíduos idosos.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1990.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Repetição na língua falada: formas e funções.** Tese. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1992.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Célia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). **Gramática do Português Culto falado no Brasil: construção do texto falado.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006, v.1. p. 219-254.
- MORATO, Edwiges Maria. **Das funções e do funcionamento da linguagem: um estudo das reflexões de L. S. Vygotsky sobre a “ Função reguladora da Linguagem” e algumas implicações linguístico-cognitivas para a neurolinguística.** (Dissertação de Mestrado), UNICAMP, 1991.

MORATO, Edwiges Maria. Neurolinguística. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística II: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, Maria Célia de Sousa; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade**. Caderno de Saúde pública. Rio de Janeiro, 1993, p. 239-262.

MINAYO, Maria Célia de Sousa. O. **Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORATO, Edwiges Maria. **A semiologia das afasias: perspectivas Linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010.

MORATO, Edwiges Maria. **Das funções e do funcionamento da linguagem: um estudo das reflexões de L.S. Vygotsky sobre a “Função reguladora da linguagem” e algumas implicações linguístico-cognitivas para a neurolinguística**. (Dissertação de mestrado), UNICAMP, 1991.

PACHECO, Mirian Cazarotti. **Contribuições da análise microgenética às pesquisas em neurolinguística**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2016, p. 582-594.

RAMOS, Jânia Martins. **Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado**. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1983.

SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos. **Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala**. Tese (doutorado) - Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP:[s.n.], 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

SENHORINI, Giseli; SANTANA, Ana Paula; SANTOS, Karoline Pimentel dos e MASSI, Giselle Athayde. **O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística enunciativo-dicursiva**. Revista CEFAC, 2016, p. 309-322.

TAGLIAFERRE, Rita de Cássia Silva. **Formas e funções da repetição no contexto das afasias**. Dissertação (Mestrado)_ Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

TAGLIAFERRE, Rita de Cássia Silva. O caráter multifuncional da repetição no contexto das afasias. In: **A semiologia das afasias: Perspectivas Linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010.

TAGLIAFERRE, Rita de Cássia Silva. **A repetição como organizadora do tópico discursivo na conversação entre afásicos e não afásicos em situação interativa**. Tese (doutorado), Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2015.

VISCARDIS, Janaína Martins. **O estatuto neurolinguístico do automatismo**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, Conselho Nacional de Saúde

Prezada

A Senhora está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “**A repetição na linguagem verbal em um sujeito após acidente vascular cerebral**”.

Nesta pesquisa pretende-se investigar quais os fatores que influenciam essa alteração na linguagem além de atentar para o que há por trás da linguagem que por ouvidos comuns ou leigos passam despercebidos. O motivo que nos leva a estudar a(s) alteração (ões) presente na linguagem provem do papel característico que a linguagem exerce na vida cotidiana do homem, sendo o homem um ser histórico-cultural.

Para a realização desta pesquisa se faz necessário participar semanalmente das reuniões que serão realizadas no Lapen/Ecoa/Uesb com colaboradores (não) afásicos e (não) disartricos, revezando, sendo uma em grupo e outra individual envolvendo atividades metodológicas lúdicas, permitindo, assim, que a linguagem seja explorada de diferentes maneiras e de forma ativa. Essas atividades serão acompanhadas pelo pesquisador e o professor orientador da pesquisa.

Essa pesquisa contribuirá não só para investigação já acima mencionada, mas, principalmente, para que a sua participação possa possibilitar a ruptura dos limites muitas vezes encontradas no cotidiano devido à alteração e a patologia apresentada.

Saliento que para participar deste estudo a senhora não terá nenhuma ajuda de custo e terá direito de esclarecimento do estudo em questão em qualquer momento que solicitar. A sua participação é voluntária e pode recusar-se quando quiser, não acarretando qualquer penalidade. A sua identidade será preservada com padrões de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo uma arquivada pelo pesquisador no local da pesquisa e outra será fornecida ao Comitê de ética. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados no banco de dados do Lapen³⁰/Ecoa/³¹ Uesb³² sob coordenação do professor orientador da pesquisa e líder desses

³⁰ Lapen: Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos.

³¹ Ecoa: Espaço de convivência entre (não) afásicos.

³² Uesb: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, instituição de origem dos espaços Lapen/Ecoa.

dois espaços por um período de cinco anos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira de acordo com a Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**A repetição na linguagem verbal em um sujeito após acidente vascular cerebral**” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória da conquista, 10 de setembro de 2015

MM
Colaborador informante

Mariza dos Anjos Lacerda
Pesquisadora

Prof^a. Dr^a. Nirvana Ferraz Santos Sampaio
Líder dos espaços Lapen/Ecoa
PPGlin
Orientadora

ANEXO B – SISTEMA DE NOTAÇÃO

Sistema de notação	
Sinais	Ocorrências
/	Indica truncamentos
//	Indica pausas
.	Indica interrupção
(())	Comentários de Ima
(())	Comentários de MM
::	Alongamentos de vogais e consoantes
()	Usado para indicar hipótese do que se ouviu
—	Sequência nova
[]	Sobreposição de fala apontando início e término
,∅	Apagamento de som
< >	Palavras com dificuldade de expressão
<< >>	Palavras e frases com dificuldade de compreensão
Palavras ou frases em negrito	Palavras repetidas
...	Indica que há partes implícitas, referindo a algo anterior ou posterior
XXX	Representa nome próprio

Fonte: Elaborados própria das autoras.

ANEXO C – COLORIR PAPEL

VIA CURCULAR

É um vento que passa e que leva
Raia o brilho de cor amarela
Planta o pé no chão
O amor dando volta na terra
Arco íris de luz aquarela
Banda coração

Vamos ver o por do sol
Me dê a mão uma estrela só
Não é constelação
Sem destino vamos juntos
Passear feito nuvens no céu
Derramar a tinta
Colorir papel

É um vento que passa e que leva
raia o brilho de cor amarela
Planta o pé no chão
O amor dando volta na terra
Arco íris de luz aquarela
Banda coração

Vamos ver o por do sol
Me dê a mão
Uma estrela só
Não é constelação
Sem destino vamos juntos
Passear feito nuvens no céu
Derramar a tinta colorir papel

E amanhecer nós dois
Prefume, bem me quer me quer
Tem biscoito, biscoito queijo, bolo
Leite no café

ANEXO D – AS FLORES DA PRIMAVERA!

Neste entardecer tão belo...
Entre todas as flores...
Existe uma rosa amarela...
Que vem ressurgindo...
Com a primavera...

Trazendo consigo...
Seu delicado perfume...
Assim como esperanças...
E oportunidades...
Para novas amizades...

A primavera é tão bela...
Porque traz com ela...
Todas as flores e aromas...
Revitalizando a inquietude...
De todos os corações...
As rosas colorem o amor ...

As vermelhas exalam paixão...
As amarelas trazem magia e a sedução...
As brancas com sua brandura...
Trazem paz para os corações...